



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB
Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas –
FATECS

NATHÁLIA CAEIRO GOMES SANTOS

OITO MESES E VINTE TONS DE SANGUE: ANÁLISE DA COBERTURA
JORNALÍSTICA NOS CASOS DE FEMINICÍDIO NO DISTRITO FEDERAL

Brasília
2018

NATHÁLIA CAEIRO GOMES SANTOS

OITO MESES E VINTE TONS DE SANGUE: ANÁLISE DA COBERTURA
JORNALÍSTICA NOS CASOS DE FEMINICÍDIO NO DISTRITO FEDERAL

Trabalho de conclusão de curso (TCC)
apresentado como um dos requisitos
para a conclusão do curso do UniCEUB
– Centro Universitário de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Di
Angellis da Silva Alves.

Brasília
2018

NATHÁLIA CAEIRO GOMES SANTOS

O MÊS MAIS SANGRENTO: ANÁLISE DA COBERTURA JORNALÍSTICA NOS
CASOS DE FEMINICÍDIO NO DISTRITO FEDERAL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro Universitário de
Brasília - UniCEUB como um dos
requisitos para obtenção de graduação
em Comunicação Social com habilitação
em Jornalismo.

Brasília, ____ de _____ de 2018.

Banca examinadora

Professor Dr. Guilherme Di Angellis
Orientador

Professora Dra. Sandra Araújo
Examinadora

Professora Ma. Julia Maass
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por me permitir chegar até aqui. O caminho não foi fácil, confesso que, por vezes, chorei e pensei em desistir. Mas Ele foi o meu refúgio e me trouxe paz durante as nossas longas conversas noturnas, no ônibus a caminho do trabalho ou durante o banho. Somente Ele sabe tudo que passei e o quanto lutei para superar minhas dificuldades e superar limites.

Agradeço aos meus pais Eva Nildes Aparecida Gomes e Francisco Carlos dos Santos por todo o apoio e esforço para eu realizar meus sonhos. Um investimento caro, não posso negar, mas com toda paciência e respeito, cuidaram de mim e me abraçaram nas horas mais difíceis. As palavras expressas aqui não são suficientes para descrever todo o amor e o quanto sou grata por tudo que representam para mim. Deus é o meu refúgio e me deu os meus pais para ser fortaleza.

Agradeço também a minha irmã Gabriella Caeiro pelo apoio e compreensão nos momentos que o meu mundo parecia desabar, a minha tia Eunice Aparecida Gomes pelo exemplo de determinação e ao meu namorado João Paulo Sabino por me tirar do caos, colocando meus pés no chão quando nada parecia fazer sentido. Sem a minha família, eu não teria chegado até aqui (inteira).

Ao meu professor e orientador Guilherme Di Angellis agradeço por todos os conselhos quando eu tinha medo de continuar, piadas quando eu só queria chorar, força quando eu comecei a desmoronar e principalmente paciência quando eu nem sabia por onde começar.

Por fim, agradeço aos meus amigos: Tais Cerutti, Wesley Mcallister, Ruben Naftali e Uyara Kamayurá, que proporcionaram a melhor experiência de estágio que eu poderia ter. Sem dúvidas, essa equipe iluminou o meu caminho no jornalismo e me fez almejar ainda mais pela profissão. Agradeço por todo o aprendizado, risadas e lanches nas tardes da Advocacia Geral da União.

A todos que de certa forma participaram dessa minha trajetória, deixo o meu obrigado!

*“Tentaram nos enterrar, mas não sabiam que
éramos sementes”*

Provérbio Mexicano

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo analisar e questionar a cobertura jornalística em casos de feminicídio no Distrito Federal, durante o mês de agosto de 2018, a partir dos jornais Correio Braziliense e Metrôpoles. Neste mesmo mês a Lei Maria da Penha completou 12 anos e foi comemorada, pelo segundo ano, a campanha Agosto Lilás, que representa a luta contra a violência de gênero e feminicídio. Este trabalho foi motivado pois, entre os meses de janeiro e agosto de 2018, foram registrados 20 feminicídios no Distrito Federal, mesma quantidade registrada durante todo o ano de 2017. Além disso, pretende-se posicionar a mídia como recurso para divulgação, enfrentamento, conscientização e reivindicação em casos de violência contra a mulher. Para esta análise foram utilizadas teorias da comunicação, pesquisas sobre o número de feminicídios nos âmbitos regional, nacional e mundial e autores para explicar termos específicos relacionados ao tema. As análises das reportagens seguiram a metodologia de Bardin (1988), sendo dividida em: pré-análise, análise e tratamento.

Palavras chave: Feminicídio. Gênero. Jornalismo. Feminismo. Comunicação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 REFERENCIAL TEÓRICO	11
1.1 COMUNICAÇÃO SOCIAL	11
1.2 JORNALISMO	12
1.2.1 Teorias do jornalismo	13
1.2.1.1 Teoria do Espelho	13
1.2.1.2 Teoria do Newsmaking	13
1.2.1.3 Teoria do Agendamento	13
1.2.1.4 Critérios de Noticiabilidade	15
1.3 TIPOS DE PRODUTOS JORNALÍSTICOS	17
1.4 REPORTAGEM	17
1.5 GÊNERO	19
1.5.1 Violência de gênero	20
1.6 FEMINISMO	21
1.7 FEMINICÍDIO	22
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	25
2.1 IDENTIFICAÇÃO DAS REPORTAGENS A SEREM ANALISADAS	25
2.2 METODOLOGIA CIENTÍFICA	25
2.3 ANÁLISE DE CONTEÚDO	26
3 ANÁLISE DO ESTUDO DE CASO	27
3.1 JORNAIS ANALISADOS	27
3.1.1 Correio Braziliense	27
3.1.2 Metrôpoles	28
3.2 PRÉ-ANÁLISE	28
3.2.1 Marília	28
3.2.2 Carla	30
3.2.3 Adriana	32
3.3 ANÁLISE	34
3.3.1 Título	34
3.3.2 Lead	34
3.3.3 Linguagem	35
3.4 TRATAMENTO	35

CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	40
ANEXO A	45
ANEXO B	47
ANEXO C	49
ANEXO D	50
ANEXO E	52
ANEXO F	55
ANEXO G	57
ANEXO H	59
ANEXO I	61
ANEXO J	62
ANEXO K	64
ANEXO L	66
ANEXO M	68
ANEXO N	70
ANEXO O	73
ANEXO P	75
ANEXO Q	77
ANEXO R	79
ANEXO S	81
ANEXO T	82
ANEXO U	84
ANEXO V	85
ANEXO W	87
ANEXO X	89
ANEXO Y	92

INTRODUÇÃO

Aproximadamente 40% de todos os homicídios de mulheres no mundo são cometidos por um parceiro íntimo. Sendo assim, o número de feminicídios é um em cada 7. Em contraste, essa proporção é próxima a 6% entre os homens assassinados. Ou seja, a quantidade de mulheres assassinadas por parceiro é 6,6 vezes maior do que a proporção de homens assassinados por parceira.

Segundo a Organização Mundial da Saúde, o número de assassinatos de mulheres chega a 4,8 para cada 100 mil mulheres. O levantamento mais recente, de ampla cobertura nacional, foi realizado pelo G1 e revela que “considerando os dados oficiais dos estados relativos a 2017. São 4.473 homicídios dolosos, sendo 946 feminicídios, ou seja, casos de mulheres mortas em crimes de ódio motivados pela condição de gênero”.

O termo feminicídio foi utilizado pela primeira vez em 1976 pela escritora e ativista feminista, Diana Russel, para se referir a morte de mulheres causadas por homens apenas por serem mulheres. Campos (2015, p. 105) descreve o feminicídio como:

O assassinato de mulheres por razões associadas a seu gênero. É a forma mais extrema da violência baseada na inequidade de gênero, está entendida como a violência exercida pelos homens contra as mulheres em seu desejo de obter poder, dominação ou controle.

Legitimado pela Lei nº 13.104 que entrou em vigor em 2015, a violência contra a mulher já era combatida desde 2006 por meio da Lei Maria da Penha nº 11.340/2006. Com a recorrência do crime de feminicídio foi necessário buscar medidas mais imediatas, prevendo pena para os agressores.

Um levantamento realizado pela Secretaria da Segurança Pública e da Paz Social (SSP-DF), revelou que no Distrito Federal (DF), entre os meses de janeiro e agosto de 2018, foram registrados 20 feminicídios, mesma quantidade registrada durante todo o ano de 2017. Há dois anos existe a campanha Agosto Lilás que representa a luta contra a violência de gênero e feminicídio, mesmo mês em que a Lei Maria da Penha completa mais um ano de existência.

Este trabalho propõe analisar a cobertura midiática dos jornais Correio Braziliense e Metrôpoles nos casos Adriana Castro Rosa Santos, Marília Jane de

Sousa Silva e Carla Grazielle Rodrigues Zandoná. Os assassinatos aconteceram nos dias 5, 6 e 7 de agosto.

Todos os crimes foram causados por parceiros íntimos, ou seja, maridos ou companheiros das vítimas, e tipificados como feminicídio.

A mídia é um importante recurso para divulgação, enfrentamento, conscientização e reivindicação em casos de violência contra a mulher.

Neste trabalho foi questionado a maneira que os meios de comunicação realizam a cobertura de crimes de feminicídio no Distrito Federal, observando título, lead e corpo do texto sobre os casos selecionados.

No primeiro capítulo foram descritos termos e teorias da comunicação importantes para a compreensão do tema, por exemplo, teoria do newsmaking, teoria do agendamento, critérios de noticiabilidade e expressões como feminicídio, gênero e feminismo.

Em um subtópico foram apresentadas as reportagens analisadas, identificando o nome da vítima e a data que vieram a óbito. Além disso, também foram determinados os veículos para compor essa análise.

Dando continuidade, o segundo capítulo apresenta as definições de Metodologia Científica e Análise de Conteúdo. Neste, são citados autores como Marconi e Lakatos (2010), Moraes (1999) e Bardin (1988).

Por fim, no terceiro capítulo, as reportagens serão analisadas seguindo o método de Bardin (1988), pré-análise, análise e tratamento.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Para melhor compreender a abordagem e cobertura midiática em casos de feminicídio, é necessário conhecer algumas teorias da comunicação que esclarecem sobre os processos de produção e divulgação da notícia. Além disso, é indispensável informar-se sobre o contexto histórico e as questões ideológicas que envolvem o tema.

Neste capítulo serão analisadas as teorias do espelho, newsmaking e agendamento associados ao papel e posicionamento da mídia na produção de notícia. Ainda, serão abordados os conceitos de termos relacionados ao feminicídio como gênero, violência de gênero e feminismo.

1.1 Comunicação Social

A Comunicação Social é o estudo dos meios de comunicação de massa, ou seja, os meios de transmissão de conteúdos para um grande número de pessoas. É uma das áreas mais importante na construção social, considerando o desenvolvimento significativo das tecnologias das mídias digitais.

A televisão, rádio, internet e impressos são os meios mais comuns. Estes possuem grande poder de discurso que influencia diretamente a sociedade. Essa ciência é organizada por meio de diferentes habilitações, sendo elas, o jornalismo, publicidade e propaganda, relações públicas, mídias sociais e eletrônicas.

O autor Jorge Pedro Sousa (2006) delimita dois grandes tópicos, a comunicação como processo e como uma atividade social.

Pode-se pensar na comunicação em duas grandes asserções: 1) A comunicação como o processo em que comunicadores trocam propositadamente mensagens codificadas (gestos, palavras, imagens...), através de um canal, num determinado contexto, o que gera determinados efeitos; e 2) A comunicação como uma atividade social, onde as pessoas, imersas numa determinada cultura, criam e trocam significados, respondendo, desta forma, à realidade que quotidianamente experimentam. SOUZA, Jorge Pedro (2006, p. 22)

Ele ainda complementa que essas duas premissas se complementam. Por exemplo, em uma conversa entre amigos, só é possível compreender o que está sendo dito porque foram atribuídos significados, estes podem variar pela geografia.

1.2 Jornalismo

O exercício profissional do jornalismo é regulamentado pelo Decreto- Lei nº 972, de 17 de outubro de 1969. Com isso, possui direitos e deveres, e carrega uma responsabilidade social que deve ser cumprida.

O Código de Ética dos Jornalistas entrou em vigor em 1987 e dentre as normas dispostas, pode-se destacar o Artigo 7º, que acentua o principal comprometimento de jornalistas, com a verdade.

Art. 7º – O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos, e seu trabalho se pauta pela precisa apuração dos acontecimentos e sua correta divulgação.

Ainda complementando, no Art. 1º do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros de 2007, está disposto que a função do jornalista tem como base “o direito fundamental do cidadão à informação, que abrange seu o direito de informar, de ser informado e de ter acesso à informação”.

Na obra Manual de Jornalismo para Rádio, TV e Novas Mídias, os jornalistas brasileiros, Barbeiro e Lima (2012, p. 20), afirmam que o papel do jornalista é de falar a verdade de forma clara e completa, buscando sempre a imparcialidade e contribuindo com a disseminação do conhecimento e facilidade no entendimento.

O jornalista só deve dizer a verdade e resistir a todas as pressões que possam desviá-lo desse rumo. Ele não pode guardar para si informação de interesse público e tem obrigação de buscar sempre a isenção.

Os autores ainda complementam que é necessário reconhecer os limites da profissão, não no sentido de censura. “Ele deve ir além da busca de dois ou mais lados da notícia, ou sejam é preciso investigar, apurar e ter convicção acerca dos fatos relatados, pois apenas ouvir o outro lado é uma forma preguiçosa de fazer jornalismo”, destaca.

1.2.1 Teorias do jornalismo

1.2.1.1 Teoria do Espelho

Essa teoria é a mais antiga e inspira-se no Positivismo do filósofo francês Auguste Comte (1798-1857).

De acordo com a Teoria do Espelho, a imprensa é o reflexo dos fatos, ou seja, é a representação exata da realidade. Dessa forma, o jornalista é tido como agente mediador imparcial diante da informação, tendo como único papel receber a informação e emitir um relato justo, sem opiniões pessoais.

1.2.1.2 Teoria do Newsmaking

Em contrapartida a Teoria do Newsmaking desenvolve os parâmetros utilizados para produção de notícia, ou seja, é o que identifica o que deve ou não ser publicado. Cada emissora de notícia possui seus próprios critérios de noticiabilidade, o autor Pena (2005) entende que o jornalista não possui autonomia profissional, e sim, está submetido ao planejamento produtivo do meio de comunicação em que atua.

A fim de descrever o processo de produção de notícia, Pena (2005) ainda apresenta três aspectos, sendo eles: o reconhecimento, a elaboração e a organização de tempo e espaço. Desse modo o autor conclui que a partir dos critérios de noticiabilidade, as redações estabelecem a sistematização do trabalho jornalístico, ou seja, a divisão de funções. Ainda assim, todos possuem discernimento para ilustrar o que é ou não notícia para o emissor.

A notícia é elaborada de acordo com a lógica estabelecida pelo formato, e há sempre uma recontextualização de seu foco durante a edição. Mesmo assim, ele arrisca uma sistematização das notícias de acordo com o tipo de matéria (reportagem), embora admita que as fronteiras são frágeis e podem levar a uma falsa ideia de rigidez na redação. PENA (2005, p.131)

1.2.1.3 Teoria do Agendamento

Com isso, podemos associar ligeiramente à Teoria do Agendamento, ou Agenda-setting, proposta por McCombs e Shaw (1972), que apresenta a ideia do

jornalismo como influenciador social. Essa teoria pressupõe que a mídia diz ao público em que pensar, o que pensar e como pensar, a partir dos fatos anunciados.

Assim como previsto pela Teoria do Newsmaking, cada emissor de notícias possui critérios de noticiabilidade individuais, considerando isso, o público só tem acesso àquilo que interessa aos veículos divulgar.

De acordo com Pena (2005, p.142) a mídia nos diz sobre o que falar e pauta nossos relacionamentos.

A teoria do agendamento defende a ideia de que os consumidores de notícias tendem a considerar mais importantes os assuntos que são veiculados na imprensa, sugerindo que os meios de comunicação agendam nossas conversas.

Já no livro Teorias da Comunicação, o autor WOLF, (2001, p. 144 apud Shaw, 1979, 96), defende que a hipótese do agendamento é um recorte do que é considerado pelos meios de comunicação como relevante para ser discutido socialmente. Dessa forma, a mídia pauta os assuntos que devem receber atenção.

Em consequência da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os mass media incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. Além disso, o público tende a atribuir àquilo que esse conteúdo inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos mass media aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas. WOLF, (2001, p. 144 apud Shaw, 1979, 96)

Na obra A Ordem do Discurso, o filósofo Michel Foucault (1971, p. 8-9) expõe que a construção do discurso é feita por quem detém o poder da forma que lhes convém.

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

1.2.1.4 Critérios de noticiabilidade

Para entender quais fatores tornam determinados temas possíveis notícias, é necessário compreender os critérios pré-determinados pelo veículo em questão. O autor Nelson Traquina (2005), no livro *Teorias do jornalismo*, apresenta duas vertentes nos critérios de noticiabilidade: de seleção e construção.

O processo de seleção ainda se divide em: substantivos (avaliação direta do acontecimento) e contextuais (produção da notícia). Para o primeiro, ele apresenta onze critérios.

Em primeiro lugar, o autor cita a morte. Neste aspecto, o autor coloca, em outras palavras, o jornalista como um abutre, e cita que “onde há morte, há jornalistas”.

Em seguida, o autor apresenta o segundo critério, sendo ele a notoriedade, ou seja, a relevância social que o ator principal possui. Sendo assim, “o nome e a posição da pessoa são importantes como fator de noticiabilidade” TRAQUINA (2005,p. 80)

Outro critério apresentado pelo autor é o de proximidade, sendo ela geográfica ou cultural.

A relevância é outro critério da comunidade jornalística. Segundo Traquina, este critério corresponde à dimensão e capacidade de determinado acontecimento impactar na vida das pessoas, sobre o país ou a nação.

Para Traquina (2005), a novidade é um critério indispensável. Ele explica que o “novo” é o ponto central dos jornalistas. Neste aspecto, a busca por ser o primeiro a publicar se torna um grande risco, colaborando na propagação de *fake news*, precipitações e até mesmo rompimento com a ética.

O fator tempo também é um valor notícia fundamental. O autor o divide em dois estágios, sendo eles: a atualidade e a data específica. Traquina ainda explica que, por vezes, este ponto se torna “gancho para justificar falar de novo sobre esse assunto”, ele exemplifica: “Há um ano, há dois anos, há vinte anos isto aconteceu e publica-se hoje uma notícia sobre esse acontecimento porque aconteceu neste mesmo dia há x anos. Assim, por exemplo, há uma notícia sobre a morte do Presidente egípcio Anwar Sadat porque neste dia, há 20 anos, foi assassinado”.

O autor ainda complementa iniciando uma terceira linha de compreensão desse fator, sendo que “devido ao seu impacto na comunidade jornalística, um

assunto ganha noticiabilidade e permanece como assunto com valor-notícia durante um tempo mais dilatado”.

A notabilidade é outro valor notícia, segundo Traquina (2005). Neste, é considerada a qualidade de ser visível. O autor pondera que “o campo jornalístico está mais virado para a cobertura de acontecimentos e não problemáticas”.

Em seguida é mencionado outro valor notícia, o inesperado, isto é, “aquilo que irrompe e que surpreende a expectativa da comunidade jornalística”.

De forma breve, o autor cita outro valor notícia, o conflito ou a controvérsia que são caracterizados como uma “violência física ou simbólica”.

Em penúltimo lugar, o autor fala sobre a infração, que também é um valor notícia e que está ligado à violência citada no parágrafo anterior. O crime é notícia, a transgressão de regras apesar de ser permanente e recorrente, logo, os meios de comunicação realizam uma cobertura baseada na infração mais violenta ou que trouxe mais danos à sociedade.

Por último, o autor cita o escândalo e exemplifica com o caso de *Watergate*. “Este tipo de acontecimento corresponde à situação mítica do jornalista como ‘cão de guarda’ das instituições democráticas”, destaca.

Em um segundo momento, Traquina (2005) fala sobre os critérios contextuais, ou seja, os que são utilizados durante a produção da notícia. Este grupo se subdivide em cinco categorias, sendo elas:

A disponibilidade, isto é, a praticidade em realizar a cobertura do fato. Neste item ele explica que cabe ao veículo determinar o que está ao alcance do jornalista. “Não é possível ‘ir a todas’, isto é, cobrir todos os acontecimentos com o envio de um jornalista”, esclarece o autor.

O equilíbrio é outro critério, neste é necessário avaliar se o assunto já foi publicado em um curto espaço de tempo. O autor apresenta a seguinte questão: “Não tem valor-notícia porque já demos isso há pouco tempo”.

Em seguida o autor cita a visualidade, ou seja, se o conteúdo possui elementos visuais, como imagens ou vídeos. Este fator é extremamente importante no telejornalismo, Traquina (2005) expõe que “este fator de noticiabilidade ajuda a explicar a maior presença de notícias sobre desastres no jornalismo televisivo”.

Ainda neste subgrupo encontra-se a concorrência, em que pode-se perceber no dia-a-dia como a busca pelo “furo”, ou seja, àquilo que nenhuma outra empresa jornalística possui.

O último valor notícia é o dia noticioso, para explicar este fator, Traquina (2005) expõe que “os acontecimentos estão em concorrência com os outros acontecimentos”. Neste critério, ele cita que estão os eventos programados e exemplifica com o caso de partidos do Governo que criam acontecimentos para enfraquecer o opositor.

1.3 Tipos de produtos jornalísticos

Existem diversos gêneros jornalísticos, segundo Medina (2001) estes estão divididos em quatro categorias, sendo elas:

Informativo: há o relato dos fatos da maneira mais objetiva possível;

Interpretativo: há a interpretação dos fatos, além da informação;

Opinativo: há a expressão de um ponto de vista a respeito de um ou mais fatos;

Entretenimento: há informações com o objetivo de distração dos leitores.

Essas características podem ser observadas constantemente em matérias jornalísticas e, por vezes, ferem a ética jornalística. Por exemplo, até onde a morte deve ser tratada como entretenimento, uma característica observada principalmente em telejornais brasileiros.

1.4 Reportagem

Sem dúvidas, a figura mais representativa do jornalismo é o repórter, responsável por pesquisar informações, investigar e elaborar materiais jornalísticos para divulgação. É o profissional que liga o público à informação.

Mesmo com tamanha relevância, o repórter foi um personagem secundário do jornalismo por centenas de anos. Os primeiros temas a serem apresentados em

jornais, eram ligados a burguesia, comércio e política. Esses meios eram restritos para passar informações para as altas classes, as quais detinham o poder.

No livro *A Reportagem*, Lage (2006, p.12) pontua que por décadas o jornalista foi visto como publicista que orientava e interpretava questões políticas. Para ele, ainda hoje o jornalismo é visto como publicista por pessoas que detêm o poder e almejam por ascendência social. Estes querem utilizar o jornal para produção de conteúdo que lhes sejam favoráveis.

Muitas dessas pessoas costumam avaliar o jornalismo por um critério singular: independente da qualidade da informação, ele é bom quando os fatos relatados apontam para interpretação favorável a suas ideias e mau quando ocorre o contrário.

Com a Revolução Industrial no século XIX o cenário do jornalismo mudou integralmente. O que antes precisava basicamente de uma prensa, tipos móveis, papel e tinta, agora utilizaria impressoras rotativas de grande capacidade. O público aquecido pelo levante popular ansiava por informações e o publicismo já não os supria.

A partir da mecanização, os jornais deixaram de ser financiados somente pelo público e o mercado de impressos passou a crescer. A divulgação de anúncios, as impressões em massa, a diversidade de gêneros literários, a concorrência e o crescente número de leitores impulsionaram o jornalismo.

Na busca por atingir um público maior, os jornalistas deviam mudar seus materiais, tornando-os mais atrativos. Lage conta que era necessário envolver o público para que lesse as matérias até o final, para isso deve-se abordar temas empolgantes.

Por fim, valorizaram a boa construção de títulos, que seriam a primeira impressão do texto e deveriam ser atraentes. Além disso, as pautas necessitavam se tornar de caráter social, estar ao lado do povo, destacar os fatos reais.

A reportagem colocou em primeiro plano novos problemas, como discernir o que é privado, de interesse individual, do que é público, de interesse coletivo; o que o Estado pode manter em sigilo e o que não pode; os limites éticos do comércio e os custos sociais da expansão capitalista. LAGE (2006, p. 16-17)

Para o autor e professor Correa (2003), “reportagem é um relato jornalístico temático, focal, envolvente e de interesse atual, que aprofunda a investigação sobre fatos e seus agentes”. PENA (2005, p.75 apud Corrêa, 2003)

1.5 Gênero

A definição de gênero é ampla, para cada colocação existe uma interpretação. Antes de conceituar o tema, é interessante entender a distinção entre sexo e gênero, por vezes esses termos são confundidos e até tratados de forma equivocada.

De acordo com a autora D'Amorim (1997) “o termo sexo está ligado à composição cromossômica do indivíduo e ao tipo de aparelho reprodutor dela resultante”, por outro lado, ela define gênero “como a soma das características psicossociais consideradas apropriadas a cada grupo sexual, sendo a identidade de gênero o conjunto destas expectativas, internalizado pelo indivíduo em resposta aos estímulos biológicos e sociais (Unger, 1979)”.

Na prática, gênero é uma forma de ressaltar diferenças entre homens e mulheres, ambos devem seguir alguns padrões impostos socialmente, e assim cumprir o papel no qual foram colocados. Esses estereótipos são construídos por fatores culturais, Barreda descreve gênero como uma construção social baseada na cultura:

O gênero pode ser definido como uma construção social e histórica de caráter relacional, configurada a partir das significações e da simbolização cultural de diferenças anatômicas entre homens e mulheres. [...] implica o estabelecimento de relações, papéis e identidades ativamente construídas por sujeitos ao longo de suas vidas, em nossas sociedades, historicamente produzindo e reproduzindo relações de desigualdade social e de dominação/subordinação. Hercules (2017, p. 14 apud BARREDA)

Por exemplo, presume-se que toda mulher saiba cozinhar e que todo homem saiba praticar algum esporte. Quando criança, as meninas brincam com bonecas e aprendem os afazeres domésticos, enquanto os meninos são incentivados a jogar bola, terem carros e se tornarem profissionais promissores. Essa construção social repercute na vida adulta e reforça o padrão por gerações.

Para a autora contemporânea Butler (2010, p. 25) “O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo

previamente dado [...] tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos.”

Sendo assim, os padrões de gênero são pré-estabelecidos de acordo com o sexo biológico e designados antes mesmo do nascimento. Esses padrões buscam manter uma ordem social, mas na realidade oprimem a diversidade humana.

1.5.1 Violência de gênero

A violência de gênero é qualquer agressão física, psicológica, sexual, moral ou econômica contra qualquer pessoa, com base no seu sexo ou gênero. As formas mais recorrentes dessa violência são de homens contra mulheres. Em linhas mais específicas, a autora Gonçalves (2016, p.41) entende que:

A violência de gênero contra a mulher pode ser conceituada como a violência fundada numa suposta superioridade de um sexo biológico sobre outro ou como uma expressão de uma relação de desigualdade entre homens e mulheres, resultante de um processo histórico, sustentado num rígido modelo de relações de dominação.

Desde 1999, a Organização das Nações Unidas (ONU) reconhece o dia 25 de novembro como o Dia Internacional para a Eliminação da Violência Contra as Mulheres.

A data é uma maneira encontrada para alertar e incentivar debates para conscientização da sociedade sobre o combate da violência contra mulheres.

Mesmo com toda a informação e avanços sociais, a cultura brasileira foi originada em uma base patriarcal que reforçou o machismo. Com isso, as mulheres ainda são objetificadas por homens e vistas como propriedade, o que resulta na violência de gênero.

Cabe à sociedade se conscientizar e quebrar esse padrão estabelecido, dessa forma será possível alcançar a igualdade de gênero e formar as próximas gerações mais responsáveis para com a vida.

1.6 Feminismo

A discussão sobre violência de gênero tem ganhado espaço nas mídias sociais. É importante destacar que apesar de todas as conquistas das mulheres nas últimas décadas e com a significativa mudança de valores na sociedade, os índices de violência contra as mulheres em todo o mundo são imensuráveis. A sociedade em sua maioria ainda é caracteristicamente patriarcal e machista, por isso ainda alimenta e aceita a ideia de que a mulher é inferior ao homem.

Essa colocação social reforça estereótipos que classificam a mulher como propriedade dos homens e submissas, resultando por muitas vezes na violência de gênero. Criada em agosto de 2006, a Lei Maria da Penha é um artifício de prevenção e proteção à mulher, nela está disposto:

Cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher e de outros tratados internacionais ratificados pela República Federativa do Brasil; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar.

O feminismo é a busca pela igualdade de gênero em uma sociedade originada em um sistema social em que os homens possuem o poder primário, o patriarcado. O conjunto de movimentos sociais e políticos, embasados em ideologias e filosofias sustenta o empoderamento feminino, ou seja, a busca pela ascensão da mulher e libertação dos padrões e normas de gêneros impostos.

Durante o século XIX surgiu a primeira onda feminista no Reino Unido e nos Estados Unidos, o ativismo buscava igualdade na participação política e direito ao voto para mulheres.

A segunda onda feminista ganhou força no final do século XIX e início do século XX, nesta, pautas como a diferença entre sexo e gênero, liberdade sexual e direitos reprodutivos marcaram esse período.

E por fim, a terceira onda feminista começou no início da década de 1990 e teve como característica a fundamentação pós-estruturalista, ou seja, uma superação da segunda onda. Nesta, a principal pauta foi a quebra de padrões de feminilidade, descrença em instituições e significações impostas, liberdade de escolhas, transversalidade e ressignificação de termos pejorativos para mulheres.

Em acréscimo, a autora Escavone (2008 p.177) delimita três fases do feminismo, sendo elas:

A fase universalista, humanista ou das lutas igualitárias pela aquisição de direitos civis, políticos e sociais; a fase diferencialista e/ou essencialista, das lutas pela afirmação das diferenças e da identidade; e uma terceira fase, denominada de pós-moderna, derivada do desconstrucionismo, que deu apoio às teorias dos sujeitos múltiplos e/ou nômades.

1.7 Femicídio

O termo feminicídio foi utilizado pela primeira vez em 1976 pela escritora e ativista feminista Diana Russel para se referir à morte de mulheres causadas por homens apenas por serem mulheres.

A autora Carmem Hein de Campos descreve o feminicídio como “o assassinato de mulheres por razões associadas a seu gênero. É a forma mais extrema da violência baseada na inequidade de gênero, esta entendida como a violência exercida pelos homens contra as mulheres em seu desejo de obter poder, dominação ou controle. Campos (2015, p. 105 apud CARCEDO e SARGOT, 2002)

A Lei nº 13.104, que trata o feminicídio, entrou em vigor no dia 09 de março de 2015. Esse preceito altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos.

Além disso, pode gerar causa de aumento de pena em situações específicas.

Feminicídio é um crime de ódio cometido contra mulheres, baseado em questões de gênero, que resultam em assassinato. O termo originado do latim, femino=mulher e excídio=assassinato, foi utilizado pela primeira vez em 1976 pela

escritora e feminista sul-africana Diana Russell em um tribunal de direitos humanos. A expressão foi atribuída a “qualquer manifestação das relações de poder desiguais entre homens e mulheres que culminaram com a morte de uma ou mais mulheres por causa de seu gênero”.

A legislação só caracteriza o crime como feminicídio nos seguintes casos:

§ 2o-A Considera-se que há razões de condição de sexo feminino quando o crime envolve:

I - Violência doméstica e familiar;

II - Menosprezo ou discriminação à condição de mulher.

Não possui tipificações legais, entretanto alguns autores o classificam em três situações, sendo eles: Feminicídio íntimo, Feminicídio não íntimo e Feminicídio por conexão.

“Femicídio” ou “feminicídio”, é definido como a forma extrema de violência de gênero que resulta na morte da mulher em três situações: quando há relação íntima de afeto ou parentesco entre a vítima e o agressor; quando há prática de qualquer violência sexual contra a vítima e em casos de mutilação ou desfiguração da mulher que seria o assassinato da mulher em razão do seu gênero feminino. MIRANDA (2013, p. 12)

Pelo menos um em cada sete homicídios em todo o mundo e mais de um terço dos homicídios femininos são perpetrados por um parceiro íntimo. Os parceiros íntimos são os principais assassinos de mulheres. Aproximadamente 40% de todos os homicídios de mulheres no mundo são cometidos por um parceiro íntimo. Em contraste, essa proporção é próxima a 6% entre os homens assassinados. Ou seja, a quantidade de mulheres assassinadas por parceiro é 6,6 vezes maior do que a de homens assassinados por parceira.

Segundo a Organização Mundial da Saúde, o número de assassinatos de mulheres chega a 4,8 para cada 100 mil mulheres.

Um levantamento realizado pelo G1 em 2017 revela que “considerando os dados oficiais dos estados relativos a 2017. São 4.473 homicídios dolosos, sendo 946 feminicídios, ou seja, casos de mulheres mortas em crimes de ódio motivados pela condição de gênero”.

O último Mapa da Violência (2015) demonstrou que entre 1980 e 2013, 106.093 mulheres foram assassinadas no país. O número de vítimas passou de 1.353 em 1980 para 4.762 em 2013, resultando em um aumento de 252%.

De acordo com o relatório final da comissão parlamentar mista de inquérito sobre a violência contra as mulheres, de 2013, o Distrito Federal possui recursos para enfrentamento da violência de gênero, sendo eles: a Secretaria de Estado da Mulher (SEM), criada em 2011 e responsável pelos programas Casa Abrigo, Centro de Referência de Atendimento à Mulher (CRAM) e Núcleo de Atendimento às Famílias e aos Autores de Violência Doméstica e Central Telefônica de Atendimentos às Mulheres

A mídia participa ativamente na cobertura e divulgação de casos de feminicídio. Para o enfrentamento da violência contra a mulher, é necessário dar visibilidade aos crimes, conscientizar a sociedade e reivindicar pela aplicação dos termos previstos na Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006). Desta maneira é possível prestar um serviço que mantém compromisso com a veracidade e respeito dos fatos, auxiliando na prevenção e combate à violência contra a mulher.

Por muitos anos os meios de comunicação brasileiros trataram o feminicídio como crime passionai. Alguns autores descrevem o crime passionai como “crime da paixão”.

A noção de “crime passionai” supõe que as circunstâncias que envolvem o homicídio são a expressão de uma paixão, de um amor e, pelas mais variadas razões, da impossibilidade da realização e da continuidade desse amor, principalmente do ponto de vista da pessoa que comete o homicídio. Borges (2011, p. 436)

2 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

2.1 Identificação das reportagens a serem analisadas

No Distrito Federal, entre os meses de janeiro e agosto de 2018, foram registrados 20 feminicídios, mesma quantidade registrada durante todo o ano de 2017. Casos como Adriana Castro Rosa Santos, Marília Jane de Sousa Silva e Carla Grazielle Rodrigues Zandoná tiveram grande repercussão na mídia. Os assassinatos aconteceram nos dias 5, 6 e 7 de agosto.

Neste projeto, serão analisadas as coberturas jornalísticas de dois veículos de notícias locais nos três casos de feminicídio que aconteceram no Distrito Federal em dois dias do mês de agosto de 2018.

Todos os crimes foram causados por parceiros íntimos, ou seja, maridos ou companheiros das vítimas, e tipificados como feminicídio.

Os critérios para seleção das notícias foram, a frequência dos acontecimentos, que aconteceram em um único fim de semana do mês de agosto. Outro fator foi a quantidade de casos que superou todo o ano de 2017 e representa um aumento significativo na reincidência de feminicídio.

2.2 Metodologia Científica

Para realizar qualquer pesquisa é necessário desenvolver e definir os instrumentos e técnicas que serão utilizados. A esse conjunto de meios, dá-se o nome de métodos científicos.

O método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros - traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista. Marconi e Lakatos (2010, p. 65)

Na obra Fundamentos de Metodologia Científica (2003), as autoras Marina de Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos, explicam a metodologia científica como “mais do que uma disciplina, significa introduzir o discente no mundo dos procedimentos sistemáticos e racionais, base da formação tanto do estudioso quanto do

profissional, pois ambos atuam, além da prática, no mundo das ideias”. Logo, compreende-se como metodologia científica o estudo dos métodos para realização de uma pesquisa.

2.3 Análise de Conteúdo

Segundo o autor Moraes (1999), análise de conteúdo “constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum”.

Dito isso, compreende-se que a análise de conteúdo é o aprofundamento nos estudos de determinado objetivo, no qual é possível encontrar respostas para uma questão.

O autor ainda divide a análise de conteúdo em 5 etapas, sendo elas: a preparação das informações; unitarização ou transformação do conteúdo em unidades; categorização ou classificação das unidades em categorias; descrição; interpretação.

Em contrapartida, Bardin (1988) defende de forma enfática que a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações e se divide em três polos cronológicos, sendo eles: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. Em linhas mais específicas, ela explica cada uma dessas fases.

A pré-análise é a fase de organização, Bardin (1988) descreve três objetivos para essa primeira fase: a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetos e a elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final.

Já a exploração do material consiste na aplicação sistemática das decisões tomadas. Em complemento, o tratamento e a interpretação são entendidos por Bardin como o confronto dos dados obtidos. Ou seja, os resultados são submetidos a provas estatísticas, assim como testes de validação.

Desta forma, a última fase da análise de conteúdo é o tratamento, ou seja, o momento de interpretação dos resultados obtidos na exploração do material.

3 ANÁLISE DO ESTUDO DE CASO

Neste capítulo será analisada a cobertura jornalística de casos de feminicídio no Distrito Federal, a partir dos veículos de notícia Metrôpoles e Correio Braziliense, além de apresentar dados que podem justificar o agendamento.

Serão exploradas três reportagens divulgadas pelo Metrôpoles e Correio Braziliense. Os casos de Adriana Castro Rosa Santos, Marília Jane de Sousa Silva e Carla Grazielle Rodrigues Zandoná tiveram grande repercussão na mídia. Os assassinatos aconteceram nos dias 5, 6 e 7 de agosto.

Todos os crimes selecionados foram causados por parceiros íntimos, ou seja, maridos ou companheiros das vítimas, e tipificados como feminicídio. Pela proximidade dos eventos, os casos receberam ampla cobertura nos veículos de comunicação pré-estabelecidos.

Para uma melhor observação sobre o posicionamento da mídia e o que se desencadeou nesse processo de divulgação, primeiramente serão observados títulos, *lead* e corpo do texto.

A partir disso, entenderemos a repercussão que casos de feminicídio ganham no Distrito Federal. Esse crime recorrente tem ganhado visibilidade nos meios de comunicação e causado uma mobilização social que recria a violência.

3.1 Jornais analisados

3.1.1 Correio Braziliense:

O jornal Correio Braziliense é um veículo de comunicação fundado em 21 de abril de 1960, por Assis Chateaubriand. Possui sede em Brasília, e teve início juntamente com a inauguração da cidade.

O jornal candango foi um desafio proposto pelo então presidente, Juscelino Kubitschek, para os Diários Associados (DA), maior grupo de mídia do Brasil. Mesmo após a morte de Chateaubriand, o Correio Braziliense continua pertencendo ao D.A..

Composto por cinco cadernos diários, três editorias não-diárias, dez suplementos semanais e um suplemento mensal, o jornal também é disponibilizado em plataforma online desde 2008. Contemplado com o prêmio Esso em 1994 e

2000, e pelo prêmio Engenho de Comunicação, por 7 anos, o veículo também se destaca pela cobertura do Distrito Federal, no caderno Cidades.

3.1.2 Metrôpoles:

O Metrôpoles é um jornal online com publicações diárias, foi fundado no ano de 2015 pelo ex-senador Luis Estevão, em Brasília. Desde então tem se tornado o principal veículo jornalístico do Distrito Federal, com mais de 120 milhões de visualizações mensais.

Presente em grandes coberturas jornalísticas, o jornal Metrôpoles está ativo nas redes sociais e plataformas interativas, como o Instagram, Facebook, Twitter, Youtube e WhatsApp. O público que acompanha o material disposto pelo veículo, é de maioria jovem.

3.2 Pré-Análise

Na semana em que a Lei Maria da Penha completou 12 anos desde a sua criação, foram registrados 3 casos no Distrito Federal. Os casos serão classificados pela ordem em que aconteceram, sendo Marília, Carla e Adriana.

3.2.1 Marília

No dia 5 de agosto Marília Jane de Sousa Silva, 58 anos, foi morta pelo companheiro Edilson Januário de Souto, 61 anos. Após um longo dia ingerindo bebidas alcoólicas, Edilson chegou em casa e iniciou uma discussão com a mulher. No momento em que a mesma tentou fugir das agressões, o taxista disparou 4 vezes contra ela e arrastou o corpo para dentro de casa. O assassino fugiu do local do crime, mas dois dias depois se entregou à polícia, acompanhado de um advogado. A frieza do taxista assustou toda a vizinhança.

O jornal Correio Braziliense publicou três matérias referentes ao caso, sendo elas, respectivamente:

- Taxista é procurado suspeito de matar a esposa, no Recanto das Emas;
- Femicídio: taxista suspeito de assassinar mulher no Recanto é preso;

- Taxista que matou ex-mulher é denunciado pelo Ministério Público.

Na primeira publicação, no dia 7 de agosto, foi realizada uma descrição do dia do acontecimento e como ocorreu a violência. Também foi relatado os próximos passos da investigação, como os meios para localização do suspeito. Ainda, foi construído um perfil do casal, sendo determinados com “reservados”.

A segunda publicação aconteceu também no dia 7, nesta foi feita a notificação de que o assassino já havia sido preso. Foragido há 2 dias, Edilson se entregou à polícia, acompanhado por um advogado.

E por último, no dia 22 de agosto, o Correio divulgou um possível desfecho para o caso na justiça. De acordo com a matéria, o Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT) denunciou o taxista que matou a ex-mulher. O caso foi enquadrado como feminicídio, mais um agravante.

O jornal Metrôpoles também publicou três matérias abordando o caso, sendo elas, respectivamente:

- Após discussão, taxista mata mulher a tiros no Distrito Federal;
- Frieza de taxista que matou mulher a tiros no DF choca vizinhança;
- Taxista que matou a mulher a tiros no DF está preso.

Na primeira matéria, publicada no dia 6 de agosto, foram expostas as principais informações do caso, como aconteceu, quem causou, quem foi a vítima e quais seriam os próximos passos dos órgãos de segurança pública do Distrito Federal. Além disso, foi realizado um levantamento de casos de feminicídio no DF e aplicando exemplos de vítimas desse crime brutal.

A segunda publicação foi feita no mesmo dia, com informações mais detalhadas sobre o crime e o perfil do casal. Nesta, a vizinhança foi ouvida e investigadores da Polícia Civil.

Por fim, a terceira matéria foi publicada no dia 7 de agosto, informando que o taxista havia se entregado à polícia.

3.2.2 Carla

Na noite de 6 de agosto, Carla Grazielle Rodrigues Zandoná, 37 anos, foi empurrada pela janela do terceiro andar de um prédio na Asa Sul. A principal suspeita é a de que Jonas Zandoná, 44 anos, marido da vítima, a tenha jogado do edifício. Carla já havia feito diversas denúncias por agressão contra Jonas, as brigas entre o casal eram frequentes. Carla chegou a ser socorrida pelo Corpo de Bombeiros, mas não resistiu e morreu. O assassino foi preso em flagrante.

O Correio Braziliense fez uma ampla cobertura do caso, ao todo foram publicadas 8 matérias. Os títulos são, respectivamente:

- Mulher morre após cair do 3º andar de prédio na Asa Sul;
- Mulher que morreu após cair do 3º andar denunciou o marido duas vezes;
- Marido de mulher que caiu do 3º andar é autuado por homicídio qualificado;
- Suspeito de jogar mulher pela janela tem prisão convertida em preventiva;
- Dois dias antes da morte, vítima teria sido agredida pelo marido;
- Caso Carla Grazielle: acusado tinha 3 passagens por agredir mulher e sogra;
- Carla Grazielle, morta ao cair do 3º andar, é enterrada em Brazlândia;
- Polícia busca provas para indiciar acusado de jogar mulher do 3º andar.

A primeira publicação realizada pelo veículo, no dia 6 de agosto, não revelou muitos detalhes. De forma superficial, nem sequer o nome da vítima foi divulgado. O título sugere um acidente, desde o início do caso o marido foi o principal suspeito pela polícia, sendo enquadrado como feminicídio. Após cometer o crime, o suspeito se trancou no apartamento, a porta precisou ser arrombada.

No dia 7 de agosto foi publicada uma matéria mais detalhada sobre o crime, vizinhos foram ouvidos, uma testemunha que passava pelo local no momento da queda e a Polícia Civil, que revelou que o autor apresentava sinais de embriaguez e não se lembrava como teria machucado os braços. Neste dia outras 3 publicações foram feitas.

Uma nota informando que Jonas Zandoná havia sido autuado por homicídio triplamente qualificado por motivo torpe pela vítima, não apresentar possibilidade de defesa e feminicídio.

Em seguida, o veículo divulgou a determinação do Tribunal de Justiça do Distrito Federal (TJDFT) que converteu a prisão do autor do crime como preventiva. A defesa de Jonas tentou pedir pela liberdade provisória, mas o pedido foi negado durante audiência de custódia.

Por último, nesse mesmo dia, o Correio ressaltou que dois dias antes da morte, a vítima teria sido agredida pelo marido. O casal tinha um longo histórico de brigas, incluindo ameaças de morte.

No dia 8 de agosto, foi divulgado que Jonas já havia sido denunciado pela mãe de Carla, em 2015, por agressão e ameaça de morte. Em seguida, a filha o denunciou acusando-o de tentar enforcar e ofendê-la. As agressões e ameaças eram constantes.

No fim da tarde do mesmo dia, foram divulgadas informações sobre o enterro de Carla, no cemitério de Brazlândia. Parentes da vítima cobraram por respostas e justiça. O clima era de indignação. Familiares contaram que Carla sofria agressões desde o início do relacionamento. O casal se uniu quando Carla tinha apenas 16 anos.

A última publicação do veículo sobre o caso aconteceu no dia 9 de agosto, anunciando que a polícia estava buscando provas para indiciar o autor por homicídio qualificado com os agravantes de um feminicídio. O comportamento de Jonas em relação ao crime foi o que reforçou as suspeitas. Por fim, foram divulgadas informações sobre o “feminicídio”, as redes de proteção à mulher, os canais para denúncia e a reincidência do crime.

O jornal metrópoles também participou ativamente da cobertura do caso, foram publicadas 5 matérias:

- Mulher morre ao cair de prédio na Asa Sul. Suspeita é de feminicídio;
- Mulher morta ao cair da janela já havia denunciado marido por agressão;
- Antes de crime na Asa Sul, idoso viu homem apertar pescoço da mulher;
- Filho de mulher jogada pela janela se desespera: “Não fecha o caixão”;
- Acusado de jogar mulher pela janela na Asa Sul é denunciado à Justiça.

Na primeira matéria, publicada no dia 6 de agosto, com informações completas sobre o acontecido. Foram ouvidos os órgãos de segurança, Polícia Civil e Polícia Militar, e vizinhos do casal. Por fim foi lembrado o caso do dia 5 de agosto, em que

o taxista Edilson Januário de Souto executou a tiros a mulher, Marília Jane de Sousa Silva, após uma discussão do casal.

No dia seguinte (7), foi informado que Jonas havia sido autuado em flagrante por feminicídio, homicídio triplamente qualificado por motivo torpe e sem chance de defesa da vítima. Além disso, foi informado que a vítima chegou a ser socorrida, teve uma parada cardíaca e morreu naquele mesmo dia. Na mesma matéria, foram divulgadas fotos dos envolvidos. Enfim, foi retomado o caso de Marília Jane.

Na quarta-feira (8), foi divulgado que aquela não seria a primeira agressão cometida por Jonas. O aposentado Salmon Lustosa Elvas, 75 anos, idoso que morava com o casal, confirmou a rotina de agressões e ameaças no apartamento. Dois dias antes, o homem teria enforcado a vítima. Também foi informado pela Polícia Civil que a cena do crime havia sofrido alterações pelos policiais militares, por isso haveria mais dificuldade na realização da perícia. Por fim, foi realizada uma contextualização do caso, inclusive inserindo dados gerais de feminicídio no DF.

Algumas horas depois, no mesmo dia, uma matéria contendo as informações sobre o enterro da vítima foi publicada. O texto contém muita indignação dos familiares e cobrança por justiça. Novas informações também ganham destaque, como o possível envolvimento amoroso entre Jonas e Salmon. Em 2017, uma denúncia anônima chegou até a Delegacia Especial de Repressão aos Crimes por Discriminação Racial, Religiosa ou por Orientação Sexual ou contra a Pessoa Idosa ou com Deficiência (Decrin), informando que o idoso estaria sendo explorado pelo casal.

No dia 22 foi veiculado que o Ministério Público havia denunciado Jonas por homicídio triplamente qualificado, feminicídio, motivo torpe e sem chance de defesa da vítima.

3.2.3 Adriana Castro

Na terça-feira (7), Adriana Castro Rosa Santos, 40 anos, foi a terceira vítima de feminicídio no mês de agosto no Distrito Federal. A mulher foi morta pelo marido, o policial militar Epaminondas Silva Santos, 51 anos, que, em seguida, tirou a própria vida. O casal tinha 3 filhos que estavam na garagem na hora que o crime aconteceu e puderam ver toda a cena. O caso aconteceu no Riacho Fundo II, a vizinhança ficou aterrorizada.

O Correio Braziliense publicou três matérias sobre o caso. Os títulos foram:

- Mais um feminicídio no DF: PM mata a mulher e se mata em seguida;
- Mulher morta pelo ex-marido PM será enterrada em Taguatinga;
- Amigos e parentes se despedem de Adriana Castro, vítima de feminicídio.

A primeira publicação aconteceu no dia 7 de agosto, contendo informações sobre o crime a vida do casal. Foi ressaltado que o crime aconteceu no mesmo dia em que a Lei Maria da Penha completou 12 anos. Apesar de casados, Adriana e Epaminondas estavam separados e ela estava ficando na casa da mãe. O casal tinha três filhos que estavam presente no momento do assassinato. Por fim, foram mencionados os casos de Carla Graziela e Marília Jane.

No dia seguinte, o Correio publicou uma nota com informações sobre o velório e enterro de Adriana, que aconteceria no dia 9 de agosto.

A terceira e última publicação aconteceu no dia 9 de agosto, com falas da família durante o enterro da vítima. O irmão da vítima informou que o assassino sempre demonstrou agressividade e ingeria bebida alcoólica em excesso, além disso, as ameaças eram constantes e por isso Adriana havia saído da casa em que morava, levando os filhos.

O Metrôpoles publicou três notícias sobre o caso da Adriana de Castro, sendo elas:

- PM matou mulher e tirou a própria vida na frente dos filhos no DF;
- Irmão de mulher morta por PM: “Botou a arma na cara dela várias vezes”;
- Mãe de mulher morta por PM: “Me ajude a cuidar de seus filhos”.

No dia em que Adriana foi assassinada foi feita a primeira publicação, contendo informações sobre o crime e os envolvidos. Os vizinhos da vítima informaram que Epaminondas sempre teve muito ciúme da esposa, mas não esperavam que fosse chegar a esse ponto.

A segunda publicação foi feita no dia seguinte ao crime, 8 de agosto, e a fonte principal foi o irmão da vítima falando sobre a relação conturbada do casal. As

ameaças sobre Adriana e os filhos eram constantes, principalmente pelo PM não aceitar a separação. O delegado responsável pelo caso também informou que não tinha mais informações sobre o caso e o descreveu como uma “barbárie”.

No dia 9 de agosto foi realizada uma cobertura do enterro da vítima. A família expôs Epaminondas como “um homem possessivo, violento, que não deixava a mulher trabalhar fora de casa”. Apesar da reincidência das ameaças, Adriana nunca o denunciou, por medo.

3.3 Análise

3.3.1 Título

As matérias publicadas pelo Correio Braziliense e Metrôpoles possuem títulos mais curtos, geralmente as vítimas não são identificadas e palavras como “suspeito”, “acusado” e “feminicídio” são usadas com frequência.

No segundo (Carla) e terceiro (Adriana) caso, pode-se perceber que houve uma aproximação maior do público, citando familiares e vizinhos das vítimas, identificando as mesmas ainda no título, histórico de violência dos casais e qualificação do crime.

Além disso, o primeiro caso foi tratado como informativo, mais superficial. A todo momento se referiam apenas ao assassino, anunciando que estava sendo procurado e quando foi encontrado.

Nota-se um breve tom sensacionalista em relação aos casos analisados, títulos “chamativos” e corpo do texto com informações rasas

3.3.2 Lead

As matérias responderam todos os questionamentos básicos para construção de um lead: “o que, quem, quando, porque como e onde; Exceto a primeira matéria publicada pelo Correio Braziliense, sobre Carla. Nesta, a vítima e o assassino não foram identificados, sendo atribuída por “mulher” e “vítima”, enquanto não houve menção a Jonas, o agressor.

3.3.3 Linguagem

A linguagem do corpo do texto é simples, sem uso de termos muito técnicos, com isso gera facilidade na compreensão.

Os personagens principais são identificados como “vítima”, “mulher”, “suspeito”, “marido” e “acusado”. Já os secundários foram denominados como “familiares”, “vizinhos” e “responsáveis”.

Nos casos de Marília e Adriana, os assassinos foram identificados pelas profissões, sendo, respectivamente, taxista e PM (policial militar).

Outra observação, no caso de Carla, é que, inicialmente, o caso foi exposto como acidente. Em algumas matérias o feminicídio foi descrito como uma queda da janela, dando a entender que não passava de um incidente.

O discurso aplicado às matérias foi raso, com isso, não respondeu todas as perguntas que podem ser feitas. Essa característica pode ser observada, principalmente no caso da Marília e Adriana.

3.4 Tratamento

A partir da análise realizada sobre as matérias veiculadas pelo Correio Braziliense e o Metrôpoles, pode-se perceber que os crimes seguiram um padrão perturbador. Todos os casos de feminicídio foram causados por parceiros íntimos e possuíam um longo histórico de ameaças e agressões, relatado por familiares, vizinhos e até mesmo pelos órgãos de segurança.

Após a divulgação dos casos, os veículos de comunicação mencionados passaram a expor pesquisas sobre a quantidade de feminicídios que ocorreram no Distrito Federal até aquela data, destacando o aumento, em comparação com o ano anterior.

Ao fim da maioria das matérias publicadas, foi realizada uma contextualização com o crescente número de casos da mesma natureza. Além de retomar os três casos seguidos que ocorrerão nos dias 5, 6 e 7 de agosto.

Wolf define noticiabilidade como “um conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos, de entre os quais há de selecionar as notícias”.

Podemos retomar os critérios de noticiabilidade expostos no primeiro capítulo. Os veículos de comunicação estabelecem orientações que definem o que é ou não notícia, Wolf coloca o valor notícia como um integrante da noticiabilidade.

Desta maneira, pode-se compreender o porquê das publicações terem se tornado mais frequentes e qual a importância que foi dada para cada um dos casos selecionados.

O autor, Nelson Traquina, apresenta duas vertentes nos critérios de noticiabilidade: de seleção e construção. Ambos se dividem em subgrupos que explicam melhor o processo de avaliação e produção das notícias.

Com isso, considera-se que todas as notícias publicadas foram submetidas a uma avaliação para ser definida como notícia e critérios que estabeleceram como seriam produzidas.

Os casos analisados foram apenas três de vinte, no Distrito Federal, mesmo quantidade de todo o ano de 2017. A partir disso, este trabalho busca desvendar quais os critérios que os tornaram tão marcantes e mobilizaram tamanha cobertura.

No decorrer da cobertura e análise dos casos, pode-se observar critérios presentes nos dois grupos descritos por Traquina (2005). No primeiro grupo, destacam-se: a morte, a proximidade, a relevância, o tempo, o inesperado, o conflito, a infração e o escândalo. Em um segundo grupo, pode-se destacar: a disponibilidade e a concorrência.

De certa forma, os critérios de noticiabilidade são culturais, por exemplo, no Brasil é inadmissível que crianças tenham acesso a armas de fogo, já em alguns estados dos Estados Unidos, é comum que pais ensinem seus filhos a atirar. Dependendo da localidade, uma criança manuseando arma de fogo seria notícia.

Baseado nos casos analisados, feminicídio é crime no Brasil, independente da circunstância em que foi cometido. E se enquadra nos valores notícia destacados anteriormente.

O que mais chamou atenção nos casos, em relação a cobertura foi que o assassinato de Carla, que aconteceu no dia 6 de agosto, o segundo da lista selecionada, recebeu mais atenção em ambos os veículos. Houve o dobro de publicações para o caso, e alguns dados como a localidade e os envolvidos podem esclarecer o porquê dessa discrepância.

O caso aconteceu na Asa Sul, um bairro da região administrativa de Brasília, no Distrito Federal, localizado próximo ao centro da capital. Constituído majoritariamente pela classe AB e com renda média de R\$ 18.591. Ao contrário dos casos de Marília e Adriana, que aconteceram, respectivamente, no Recanto das

Emas e Riacho Fundo II, cidades periféricas com moradores de renda média inferior a R\$ 5.000.

Logo, pode-se subentender que a localidade e a classe dos envolvidos no caso da Carla, influenciaram na cobertura. Esta constatação não ameniza a brutalidade dos casos e o papel fundamental da mídia em expor e desaprovar qualquer tipo de violência contra a mulher.

Por fim, ao superar em 8 meses a quantidade de casos de feminicídio no ano anterior, os veículos se viram a necessidade de dar visibilidade aos acontecimentos e transmitir para conscientizar e informar a sociedade sobre essa transgressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em agosto de 2018 a Lei Maria da Penha completou 12 anos, mesmo mês em que é realizada a campanha Agosto Lilás, para conscientização sobre a violência contra a mulher. O Brasil ocupa hoje o 5º lugar no mundo no ranking de violência doméstica. De acordo com dados do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), existem cerca de 10 mil casos de feminicídios.

Este tema nunca esteve tão em evidência. Apesar das políticas públicas para luta contra a violência de gênero, o crime ainda é recorrente e precisa ser combatido.

A partir das análises feitas e da bibliografia utilizada para a pesquisa, pôde-se chegar às conclusões que explicam a construção das reportagens, considerando o texto, linguagem e frequência de publicações sobre cada caso analisado.

Antes de tudo, é necessário deixar claro que houveram equívocos nas coberturas, a necessidade de publicar em primeira mão, por vezes, tornou as informações incompletas e confusas. Na maioria dos casos o jornal online Correio Braziliense publicou primeiro que o Metrôpoles e, para ambos, houve falta de informações concretas sobre os fatos.

O resultado que pôde ser comprovado foi que existe falta de interesse da mídia em buscar por informações que satisfaçam as dúvidas dos leitores. Com o avanço tecnológico, a prioridade para os jornais é publicar notícias o mais próximo do tempo real, o processo de apuração, por vezes, deixa a desejar. A busca pelo “furo”, a ambição pelo primeiro lugar, pode propagar *fake news* e assim, tornar questionável o profissionalismo dos jornalistas.

No caso da Carla, o sobrenome da mesma foi publicado com a grafia errada. Além de que, foram divulgadas suposições sobre o acontecido, inclusive, em um primeiro momento, foi caracterizado como acidente. Por vezes as manchetes relacionadas à violência contra a mulher tendem a culpabilizar as vítimas.

Outro fato relacionado às matérias é a falta de fontes oficiais. Em todos os casos foram apresentados argumentos de que o caso ainda era “inconclusivo” e em dois dos casos não foi divulgado os possíveis resultados finais.

Nestes quesitos, a mídia tem deixado a desejar. A cobertura rasa não corresponde aos veículos de comunicação como instrumento de divulgação,

enfrentamento, conscientização e reivindicação em casos de violência contra a mulher.

Os meios de comunicação devem trabalhar com responsabilidade social. Em diversos casos os jornais viraram roteiros de entretenimento, como por exemplo o programa Brasil Urgente apresentado pelo jornalista José Luiz Datena. Um verdadeiro show de sensacionalismo para o público, o famoso “se espremer sai sangue”. Seria essa a prostração da ética jornalística, o massacre da credibilidade do jornalismo brasileiro?

Apesar da Organização das Nações Unidas reservarem o dia 25 de novembro para alertar e incentivar debates sobre o combate da violência contra mulheres a luta deve ser diária. Seria essa uma possível quarta onda feminista? A luta pela sobrevivência em tempos de feminicídio.

A mídia é um importante recurso para divulgação, enfrentamento, conscientização e reivindicação em casos de violência contra a mulher. Segundo Ramirez (2018) o discurso que legitima o feminicídio começa quando iguala o feminicídio a qualquer outro assassinato, desconsiderando todas as questões de gênero envolvidas.

A Lei do Feminicídio de 2015 veio justamente para qualificar e tipificar que há motivação no assassinato de mulheres: o fato de serem mulheres! Ou seja, a lei traz à tona a necessidade de o Estado reconhecer que mulheres são assassinadas por exercerem seus direitos de uma vida sem violência, e que muitas vezes é ceifada pelos homens da família, agentes de violência doméstica e familiar, e por serem menosprezadas e discriminadas pela condição de ser mulher.

É necessário cobrar uma cobertura responsável de casos como Marília, Carla e Adriana para que não se tornem apenas números. Elas foram 3 vidas de 20 no mês de agosto de 2018. Eram mães, filhas e amigas, não devem ser resumidas a números.

A luta continua!

REFERÊNCIAS

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de jornalismo para rádio, TV e novas mídias**. 2013. Disponível em <https://books.google.com.br/books?id=USxHAAAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 08 set 2018

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1988.

BORGES, Lucienne Martins. **Crime passionai ou homicídio conjugal?**. 2011. Disponível em: <<http://seer.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/P.1678-9563.2011v17n3p433/3767>> Acesso em: 15 set 2018

BRASIL, **Decreto-Lei nº 2.848**, de 7 de dezembro de 1940. Código Penal, Brasília, DF. 1940. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-2848-7-dezembro-1940-412868-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em: 12 set 2018

BRASIL, **Lei nº 11.340**, de 7 de agosto de 2006. Lei Maria da Penha, Brasília, DF. 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm> Acesso em: 10 set 2018

BRASIL, **Lei nº 13.104**, de 9 de março de 2015. Feminicídio, Brasília, DF. 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13104.htm> Acesso em: 12 set 2018

BRASIL, **Lei nº 8.072**, de 25 de julho de 1990. Lei dos Crimes Hediondos, Brasília, DF. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8072.htm> Acesso em: 13 set 2018

CAIXETA, Fernando. **Mulher morre ao cair de prédio na Asa Sul. Suspeita é de feminicídio**. 2018. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/mulher-morre-ao-cair-de-predio-na-asa-sul>> Acesso em: 19 out 2018

CAMPOS, Carmem Hein de. **Violência, Crime e Segurança Pública**. 2015. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/sistemapenaleviolencia/article/view/20275/13455>> Acesso em: 22 de set

CARDIM, Nathália. **Após discussão, taxista mata mulher a tiros no Distrito Federal**. 2018. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/distrito-federal/apos-discussao-taxista-mata-mulher-a-tiros-no-distrito-federal>> Acesso em: 15 out 2018

CARDIM, Nathália. **Mãe de mulher morta por PM: “Me ajude a cuidar de seus filhos**. 2018. Disponível em: < <https://www.metropoles.com/distrito-federal/mae-de-mulher-morta-por-pm-me-ajude-a-cuidar-de-seus-filhos> > Acesso em: 21 out 2018

CARDIM, Nathália; EUGÊNIA, Maria. **PM matou mulher e tirou a própria vida na frente dos filhos no DF**. 2018. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/distrito-federal/policial-militar-mata-ex-mulher-e-tira-a-propria-vida-no-df> > Acesso em: 21 out 2018

CARDIM, Nathália; PINHEIRO, Mirelle. **Frieza de taxista que matou mulher a tiros no DF choca vizinhança**. 2018. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/distrito-federal/frieza-de-taxista-que-matou-mulher-a-tiros-no-df-choca-vizinhanca> > Acesso em: 15 out 2018

D'AMORIM, Maria Alice. **Estereótipos de gênero e atitudes acerca da sexualidade em estudos sobre jovens brasileiros**. 1995. Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1997000300010 > Acesso em: 6 out 2018

DELGADO, Márcia. **Taxista que matou a mulher a tiros no DF está preso**. 2018. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/distrito-federal/taxista-que-matou-a-mulher-a-tiros-no-df-esta-preso> > Acesso em: 15 de outubro de 2018 >

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Paris: Éditions Gallimard, 1971.

FUZEIRA, Victor. **Filho de mulher jogada pela janela se desespera: “Não fecha o caixão”**. 2018. Disponível em: < Acesso em: 19 out 2018

FUZEIRA, Victor. **Irmão de mulher morta por PM: “Botou a arma na cara dela várias vezes**. 2018. Disponível em: < <https://www.metropoles.com/distrito-federal/seguranca-df/irmao-de-mulher-morta-por-pm-botou-a-arma-na-cara-dela-varias-vezes> > Acesso em: 21 out 2018

GALVÃO, Walder. **Caso Carla Graziele: acusado tinha 3 passagens por agredir mulher e sogra**. 2018. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2018/08/08/interna_cidadesdf,699643/carla-graziele-acusado-tinha-passagens-por-agredir-mulher-e-sogra.shtml > Acesso em: 17 outubro 2018 >

GALVÃO, Walder. **Dois dias antes da morte, vítima teria sido agredida pelo marido**. 2018. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2018/08/07/interna_cidadesdf,699545/mulher-que-morreu-ao-cair-de-predio-teria-sido-estrangulada.shtml > Acesso em: 17 out 2018

GALVÃO, Walder. **Feminicídio: taxista suspeito de assassinar mulher no Recanto é preso**. 2018. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2018/08/07/interna_cidadesdf,699550/feminicidio-taxista-suspeito-de-assassinar-mulher-no-recanto-e-preso.shtml Acesso em: 15 de outubro de 2018

GALVÃO, Walder. **Mulher que morreu após cair do 3º andar denunciou o marido duas vezes**. 2018. Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2018/08/07/interna_cidade.sdf,699493/mulher-que-morreu-apos-cair-do-3-andar-na-asa-sul-denunciou-o-marido.shtml > Acesso em: 16 out 2018

GALVÃO, Walder. **Taxista é procurado suspeito de matar a esposa, no Recanto das Emas**. 2018. Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2018/08/07/interna_cidade.sdf,699465/taxista-e-procurado-suspeito-de-matar-a-esposa-no-recanto-das-emas.shtml > Acesso em: 15 out 2018

GALVÃO, Walder. **Suspeito de jogar mulher pela janela tem prisão convertida em preventiva**. 2018. Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2018/08/07/interna_cidade.sdf,699538/suspeito-matar-mulher-tem-prisao-convertida-em-preventiva.shtml > Acesso em: 16 out 2018

GALVÃO, Walder; GRIORI, Pedro. **Polícia busca provas para indiciar acusado de jogar mulher do 3º andar**. 2018. Disponível em:

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2018/08/09/interna_cidade.sdf,699752/policia-busca-provas-para-indiciar-acusado-de-jogar-mulher-do-3-andar.shtml Acesso em: 17 out 2018

GONÇALVES, Vanessa Chiari. **Violência contra a mulher contribuições da vitimologia**. 2016. Disponível em: <

file:///C:/Users/nathalia.santos/Downloads/23712-101615-2-PB.pdf >

GRIORI, Pedro. **Marido de mulher que caiu do 3º andar é autuado por homicídio qualificado**. 2018. Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2018/08/07/interna_cidade.sdf,699523/caso-415-sul-marido-e-autuado-por-homicidio-triplamente-qualificado.shtml > Acesso em: 16 out 2018

HERCULES, Francesco. **Lei Maria da Penha, da teoria à prática**. 2017. Disponível em: <

<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/55382/FRANCESCO%20HERCULES.pdf?sequence=1&isAllowed=y> > Acesso em: 10 set 2018

LAGE, Nilson. **A reportagem**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

LIMA, Bruna. **Feminicídio: taxista suspeito de assassinar mulher no Recanto é preso**. 2018. Disponível em: <

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2018/08/22/interna_cidade.sdf,701399/taxista-que-matou-mulher-e-denunciado-pelo-ministerio-publico.shtml > Acesso em: 15 out 2018

LIMA, Bruna. **Taxista que matou ex-mulher é denunciado pelo Ministério Público**. 2018. Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2018/08/22/interna_cidad esdf,701399/taxista-que-matou-mulher-e-denunciado-pelo-ministerio-publico.shtml > Acesso em: 15 out 2018

LIMA, Bruna; EUFRÁSIO, Jéssica. **Mulher morre após cair do 3º andar de prédio na Asa Sul**. 2018. Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2018/08/06/interna_cidad esdf,699463/mulher-morre-apos-cair-do-3-andar-de-predio-na-asa-sul.shtml > Acesso em: 16 out 2018

MACHADO, Mariana. **Mais um feminicídio no DF: PM mata a mulher e se mata em seguida**. 2018. Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2018/08/07/interna_cidad esdf,699507/mais-um-feminicidio-no-df-pm-mata-a-mulher-e-se-mata-em-seguida.shtml > Acesso em: 20 out 2018

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 2010. Disponível em: <

https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india > Acesso em 21 out 2018

MARTINS, Helena. **Taxa de feminicídios no Brasil é a quinta maior do mundo**.

2017. Disponível em: < <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2017-08/taxa-de-feminicidios-no-brasil-e-quinta-maior-do-mundo> > Acesso em: 22 set 2018

MEDINA, Jorge Lellis Bomfim. **Gêneros jornalísticos: repensando a questão**. 2001. Disponível em: < <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/3196/3196.PDF> > . Acesso em: 11 out 2018

MIRANDA, Carolina Moreira. **Reflexões acerca da tipificação do feminicídio**.

2013. Disponível em < <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/acessoConteudo.php?nrseqco=76692> > Acesso em: 15 set 2018

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. 1999. Disponível em:

<http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html> Acesso em: 12 set 2018

MULHER morta pelo ex-marido PM será enterrada em Taguatinga. 2018.

Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2018/08/08/interna_cidad esdf,699666/mulher-morta-pelo-ex-marido-pm-sera-enterrada-em-taguatinga.shtml > Acesso em: 20 out 2018

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

PERES, Sarah. **Carla Graziele, morta ao cair do 3º andar, é enterrada em Brazlândia**. 2018. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2018/08/08/interna_cidade.sdf,699706/carla-graziele-morta-ao-cair-de-3-andar-e-enterrada-em-brazlandia.shtml> Acesso em: 17 out 2018

PINHEIRO, Mirelle. **Mulher morta ao cair da janela já havia denunciado marido por agressão**. 2018. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/distrito-federal/mulher-morta-ao-cair-da-janela-ja-havia-denunciado-marido-por-agressao>> Acesso em: 19 out 2018

PINHEIRO, Mirelle. **Acusado de jogar mulher pela janela na Asa Sul é denunciado à Justiça**. 2018. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/distrito-federal/justica-distrito-federal/acusado-de-jogar-mulher-pela-janela-na-asa-sul-e-denunciado-a-justica>> Acesso em: 19 out 2018

PINHEIRO, Mirelle. **Antes de crime na Asa Sul, idoso viu homem apertar pescoço da mulher**. 2018. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/distrito-federal/antes-de-crime-na-asa-sul-idoso-viu-homem-apertar-pescoco-da-mulher>> Acesso em: 19 out 2018

RAMIREZ, Luciana da Cruz. **O discurso que legitima o feminicídio**. 2018. Disponível em: <<http://brasildebate.com.br/o-discurso-que-legitima-o-feminicidio/>> Acesso em: 09 out 2018

RIOS, Alan. **Amigos e parentes se despedem de Adriana Castro, vítima de feminicídio**. 2018. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2018/08/09/interna_cidade.sdf,699788/amigos-e-parentes-se-despedem-de-adriana-castro-vitima-de-feminicidio.shtml> Acesso em: 20 out 2018

SCAVONE, Lucila. **Estudos de gênero: uma sociologia feminista?**. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n1/a18v16n1.pdf>> Acesso em: 12 set 2018

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos da teoria e pesquisa da comunicação e dos media**. 2. ed. Porto: Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2006. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-teoria-pesquisa-comunicacao-media.pdf>>. Acesso em: 10 set 2018.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. Florianópolis: Editora Insular, 2005.

VELASCO, Clara; CAESAR, Gabriela; REIS, Thiago. **Cresce o nº de mulheres vítimas de homicídio no Brasil; dados de feminicídio são subnotificados**. 2018. Disponível em <<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/cresce-n-de-mulheres-vitimas-de-homicidio-no-brasil-dados-de-feminicidio-sao-subnotificados.ghtml>> Acesso em: 7 set 2018

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 1999.

ANEXOS

Anexo A

CORREIO BRAZILIENSE

Taxista é procurado suspeito de matar a esposa, no Recanto das Emas

Crime aconteceu na casa onde moravam a vítima e o acusado. Ele teria dado quatro tiros, errado três e acertado um no tórax da mulher

WG Walder Galvão - Especial para o Correio

postado em 07/08/2018 06:00 / atualizado em 07/08/2018 19:50



Edilson Januário de Souto é procurado por policiais civis(foto: Arquivo Pessoal)

Policiais civis procuram pelo taxista Edilson Januário de Souto, 61 anos. Ele é acusado de matar a tiro a mulher, Marília Jane de Sousa Silva, 58 anos. O crime aconteceu na noite de domingo, na casa onde os dois moravam, na Quadra 405 do Recanto das Emas. O caso é tratado como feminicídio, crime em crescimento no Distrito Federal. A Secretaria de Segurança Pública registrou 14 mulheres vítimas desse tipo de crime só no primeiro semestre de 2018. No ano passado, foram 10, no mesmo período.

O suspeito passou o domingo bebendo em um bar, a menos de 500m de casa, segundo os vizinhos. “Eu também bebia uma cerveja, em uma mesa separada. Ele aparentava estar tranquilo. Só reclamou de umas crianças que jogavam futebol e faziam muito barulho. Quando eu já estava em casa, escutei o barulho dos tiros. Pensei até que fossem bombinhas, soltadas pela molecada da rua”, contou uma moradora da região, que preferiu não se identificar por medo.

De acordo com o delegado Sérgio Bautzer, da 27ª Delegacia de Polícia (Recanto das Emas), Edilson começou a discutir com a mulher assim que chegou em casa. “Ele teria disparado quatro vezes, errou três tiros e acertou um no tórax da vítima. Ela caiu enquanto tentava fugir para o portão, mas ele a arrastou de volta para dentro da garagem”, detalhou Bautzer. O suspeito ainda colocou o carro da vítima dentro da casa e fugiu usando o próprio veículo, um Chevrolet Spin, cor prata, que estava com a identificação de táxi e tem placa vermelha, número OVS-7431, segundo o delegado.

Após a fuga, um bombeiro militar, que teve a identidade preservada pelos investigadores, arrombou o portão do local do crime e tentou reanimar a vítima, mas não teve sucesso. Ele ainda acionou os socorristas, mas, quando chegaram à residência, Marília já estava morta. “Ainda não localizamos a arma do crime. Tem um cofre na casa, mas dentro dele só havia documentos e um registro de arma da década de 1990, que não vale mais. Nossa suspeita é de que a arma estava guardada lá”, disse Bautzer.

Ainda segundo o delegado, os investigadores não localizaram câmeras de segurança que pudessem levar ao paradeiro do suspeito. “Ainda não sabemos que rumo ele tomou, mas estamos com equipes na rua desde o momento do crime”, ressaltou Bautzer. O delegado alertou que o homem deve estar armado e é perigoso. A Secretaria de Mobilidade confirmou o registro do taxista e informou que a autorização dele para trabalhar no ramo é válida até janeiro de 2019.

Após o crime, a varanda da casa ficou suja de sangue. Parentes da vítima compareceram ao lugar ainda de madrugada, após a perícia da Polícia Civil, e limparam a cena. Eles trancaram a residência, com correntes e cadeados.

Casal reservado

Edilson e Marília se mudaram há pouco mais de dois anos para a casa onde ocorreu o crime. Vizinhos contaram que ambos eram reservados, costumavam cumprimentar todos, mas não eram próximos a ninguém. “A gente a via saindo de carro de vez em quando. Ela vendia cosméticos, mas também já me disse que era cuidadora de idosos”, relatou uma vizinha, que também não quis se identificar.

Quem mora próximo à casa do casal relata que nunca escutou discussões ou barulhos de briga. “Moravam só os dois no lote. Estavam sempre tranquilos. Isso que chocou mais a gente, porque não dava para imaginar que esse tipo de coisa poderia acontecer. Estamos todos assustados, foi uma grande confusão”, lamentou um conhecido de Edilson.

Denuncie

Quem tiver informações que levem ao paradeiro de Edilmar, pode entrar em contato com a Polícia Civil pelos seguintes canais:

Telefone: 197

E-mail: denuncia197@pcdf.df.gov.br

WhatsApp: (61) 98626-1197

Site: pcdf.df.gov.br/servicos/197

As denúncias podem ser feitas de forma anônima.

Anexo B

CORREIO BRAZILIENSE

Feminicídio: taxista suspeito de assassinar mulher no Recanto é preso

O homem é acusado de disparar quatro vezes contra a mulher, mas um único tiro a atingiu.

WG Walder Galvão - Especial para o Correio

postado em 07/08/2018 16:32 / atualizado em 07/08/2018 18:30



Edilson Januário de Souto, 61 anos, estava foragido desde domingo (5/8)(foto: Arquivo Pessoal)

Agentes da 27ª Delegacia de Polícia (Recanto das Emas) prenderam o taxista Edilson Januário de Souto, 61 anos, suspeito de matar a tiros a esposa Marília Jane de Sousa Silva, 58. Ele estava foragido desde a noite de domingo (5/8), quando ocorreu o crime, e foi encontrado na tarde desta terça-feira (7/8). O homem disparou quatro vezes contra a mulher, errou três tiros, mas um atingiu o tórax dela.

Edilson decidiu se entregar nesta terça e compareceu à 27ª Delegacia de Polícia acompanhado por um advogado. Ele informou o que motivou o crime e disse que iria se posicionar apenas durante julgamento. Agora, ele deve ser encaminhado à carceragem do Departamento de Polícia Especializada (DPE) e em seguida para a Papuda.

Segundo as investigações, o casal discutia no momento em que o taxista teria sacado a arma e atirado enquanto ela estava na cama. A Divisão de Comunicação da Polícia Civil do DF (Divicom) detalhou ainda que a mulher baleada tentou correr para fora de casa, mas suspeito teria disparado mais vezes contra ela, que caiu na garagem.

Quando os investigadores chegaram, havia sinais de que o corpo teria sido arrastado. O portão da casa estava fechado, o carro da vítima estacionado na garagem e o marido, desaparecido. A 27ª Delegacia de Polícia conduz o caso.

Ao **Correio**, vizinhos contaram que Edilson e Marília eram pessoas tranquilas, que nunca tiveram problemas com a vizinhança. “Nunca escutei briga ou discussões. Eles passavam, davam bom dia e seguiam”, contou uma conhecida que preferiu não se identificar.

No domingo, o homem teria passado o dia bebendo em um bar, a menos de 500m de casa, segundo pessoas que moram na região. “Eu também bebia uma cerveja, em uma mesa separada, mas ele aparentava estar tranquilo. Só reclamou de umas crianças que jogavam futebol e faziam muito barulho. Quando eu já estava em casa, escutei o barulho dos tiros. Pensei até mesmo que fossem bombinhas, soltadas pela molecada da rua”, contou uma moradora da região, que preferiu não se identificar por medo.

Anexo C**CORREIO BRAZILIENSE**

Taxista que matou ex-mulher é denunciado pelo Ministério Público

O crime aconteceu em 5 de agosto, no Recanto das Emas. O autor e a vítima foram casados por mais de 20 anos

BL_Bruna Lima - Especial para o Correio

postado em 22/08/2018 20:20 / atualizado em 22/08/2018 21:18



(foto: Fernando Lopes/CB/D.A Press)

O Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT) denunciou, nesta quarta-feira (22/8), o taxista que matou a ex-mulher no Recanto das Emas. O crime aconteceu em 5 de agosto deste ano, quando Edilson Januário de Souto, 61 anos, atirou quatro vezes contra Marília Jane de Sousa Silva, 58. Ele é acusado de homicídio triplamente qualificado, além de fraude processual, por ter tentado modificar a cena do crime.

De acordo com a denúncia, as qualificações se deram porque o crime foi cometido por motivo torpe — já que o autor não aceitava o divórcio e a divisão de bens — e mediante recurso que dificultou a defesa da vítima, já que a mulher foi surpreendida dentro do quarto. Por estar no contexto de violência doméstica, o caso foi enquadrado como feminicídio, mais um agravante.

Edilson está preso desde 7 de agosto, quando se entregou à polícia, na presença de um advogado. Segundo as investigações, o casal discutia no momento em que o taxista teria sacado a arma e atirado enquanto ela estava na cama. O homem disparou quatro vezes contra Marília Jane, errou três tiros, mas um atingiu o tórax dela, que morreu sem que pudesse receber socorro médico.

Quando os investigadores chegaram no local do crime, havia sinais de que o corpo teria sido arrastado. O homem fugiu depois de ter retirado o próprio carro da garagem e colocado o da vítima no local. Antes, ele trancou a casa. Na denúncia, o MPDFT afirma que a ação teve como objetivo induzir a perícias a erros. Edilson e Maria Jane foram casados por mais de 20 anos.

O MP também denunciou esta semana o acusado de jogar a companheira pela janela do 3º andar de prédio na Asa Sul. O crime aconteceu em 6 de agosto. A suspeita é de que Carla Grazielle Rodrigues Zandoná, 37, tenha sido jogada da janela do Bloco T da 415 Sul por Jonas Zandoná, 44.

Anexo D

METRÓPOLES

Após discussão, taxista mata mulher a tiros no Distrito Federal

Crime ocorreu por volta das 20h30 desse domingo (5/8) na quadra 405 do Recanto das Emas. Acusado está foragido



Uma mulher foi morta a tiros pelo marido em sua residência no Distrito Federal. O crime ocorreu na quadra 405 do Recanto das Emas, por volta das 20h30 desse domingo (5/8).

De acordo com informações da Polícia Militar (PMDF), o autor do assassinato, Edilson Januário de Souto (*foto principal*), 61 anos, trabalha como taxista. O acusado pegou a arma e atirou contra a vítima, Marília Jane de Sousa Silva, após uma discussão do casal. Depois de matar a companheira, estacionou o carro dela dentro do terreno, fechou o portão e saiu.

Segundo a Polícia Civil, a mulher foi atingida pela primeira vez no quarto do casal. Ao tentar sair da residência, Edilson disparou outras vezes e Marília caiu na garagem. O autor do crime ainda arrastou o corpo da vítima para o lado, retirou o carro dele e fugiu. Os bombeiros foram acionados, mas quando chegaram ao local, a vítima já havia morrido. Até a publicação desta reportagem, o suspeito estava foragido. A 27ª Delegacia de Polícia (Recanto das Emas) investiga o caso.

Outros crimes

Somente em 2018, 15 mulheres foram assassinadas no Distrito Federal. No dia 14 de julho, Janaína Romão Lúcio, 30, perdeu a vida de forma covarde, a facadas, e na frente das filhas pequenas. Assassino confesso, o ex-marido, Steffanno Jesus Souza de Amorim, 21, está preso.

O crime bárbaro ocorreu em Santa Maria um dia após as autoridades alemãs divulgarem a prisão de Marcelo Bauer. Há 31 anos, ele matou Thaís Mendonça, 19, sua namorada à época. Foi condenado à revelia em Brasília e, agora, sua impunidade chegou ao fim.

Os casos de feminicídio se assemelham não só pela brutalidade e covardia. O modo como os assassinos agem é parecido. Segundo especialistas, os algozes, geralmente pessoas com quem as vítimas se relacionam, começam com pequenas exigências, cenas de ciúmes, cobranças, brigas seguidas de presentes e pedidos de desculpas com promessas de mudanças.

Acuadas e sob constante ameaça, em geral, as mulheres optam por não fazer a denúncia quando ocorre a primeira agressão. Depois, é um caminho sem volta. O Estado falha no combate à violência e à proteção às vítimas. A família, muitas vezes, não consegue evitar consequências mais graves. E as tragédias ocorrem.

Foi assim com Jessyka Laynara da Silva Souza, 25, morta a tiros pelo soldado da Polícia Militar Ronan Menezes, 27, no dia 4 de maio, em Ceilândia. Extremamente possessivo e controlador, o rapaz não aceitava o fim do relacionamento. Ameaçava e agredia Jessyka constantemente, e ela, com medo, escondia os hematomas usando maquiagem. “Era para eu estar enterrada agora. Ele me espancou tanto, tanto. Me deu tanto chute, soco, coronhada. Rasgou minha cabeça”, contou a moça, em áudio enviado para uma amiga. Agora, a mãe da vítima, a técnica de enfermagem Adriana Maria da Silva, 39 anos, chora a perda da filha.

Em 6 de março, outro caso de feminicídio chocou o DF. A funcionária do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) Romilda Souza, 40, foi morta a tiros pelo marido e ex-vigilante Elson Martins da Silva, 39, que se suicidou em seguida, na 406 Sul.

Aguarde mais informações

Anexo E

METRÓPOLES

Frieza de taxista que matou mulher a tiros no DF choca vizinhança

De acordo com a Polícia Civil, o acusado, que está foragido, atirou na esposa, arrastou corpo para dentro de casa, trancou o portão e fugiu

A frieza do taxista Edilson Januário de Souto, 61 anos, suspeito de matar a mulher, Marília Jane de Sousa Silva, 58, deixou a vizinhança assustada. O crime ocorreu na noite desse domingo (5/8). De acordo com a Polícia Civil, quatro tiros foram disparados dentro da residência do casal, na Quadra 405 do Recanto das Emas. Um deles, fatal.

O delegado plantonista da 27ª DP (Recanto das Emas), Sérgio Bautzer, diz que há suspeitas de que o homem teria passado o dia bebendo e, quando chegou à sua residência, discutiu com a mulher. Os objetos da casa ficaram revirados, o que indica briga entre os dois.

O taxista atirou quatro vezes na mulher. Marília Silva tentou fugir, mas acabou atingida. A vítima caiu quando ia em direção ao portão. “Ele arrastou o corpo dela para dentro da casa. Um vizinho percebeu a movimentação estranha e chamou a polícia”, detalhou o delegado.

O portão, que estava trancado, teve de ser arrombado por um bombeiro que passava pelo local. Ele prestou os primeiros socorros, mas Marília não resistiu ao ferimento no tórax.



Marília Jane de Sousa Silva, 58 anos, não teve chance de se defender Reprodução

Ainda conforme detalhou Bautzer, antes de deixar a cena do crime, Edilson tirou o carro dele da garagem, colocou o da mulher, deixou os quatro celulares do casal no imóvel e fugiu em seu táxi – o carro é um Spin de cor prata, placa 7431-DF.

Os investigadores aguardam autorização judicial para quebrar o sigilo telefônico e, então, acessar o conteúdo dos aparelhos celulares. Nesta segunda-feira (6), agentes da Polícia Civil percorrem as ruas próximas ao local do crime à procura de imagens de câmeras de segurança que podem ter registrado a fuga do taxista.

Segundo uma moradora que prestava alguns serviços de costura para Marília, o casal residia na quadra há aproximadamente dois anos. Era discreto. Dava apenas “bom dia” e parecia tranquilo. “Aqui todo mundo se conhece. Apesar de eu não ser vizinha de porta deles, temos contato com todos e nunca ouvimos nenhum relato de discussão”, disse.

Conforme afirmou outra pessoa da quadra, sob condição de anonimato, apenas o casal morava no imóvel. “Nunca vimos outras pessoas. Eles não tinham contato conosco. Só ouvíamos que ele reclamava do barulho quando as crianças jogavam bola em frente ao portão dele. Mas nunca presenciamos nenhuma briga”, relatou.

Na manhã desta segunda (6), o carro de Marília, um Fiat Uno vermelho, ainda permanecia na garagem da casa. Na porta de vidro, uma perfuração de bala. Uma corrente e dois cadeados estão presos ao portão. Durante as buscas realizadas ainda na madrugada, os policiais encontraram o registro vencido da arma que teria sido usada no crime, um revólver calibre .38. O armamento não foi localizado.

O taxista não tinha passagens pela polícia do Distrito Federal. Possuía apenas uma ocorrência de ameaça registrada em 2004. A vítima não tinha medida protetiva e também nunca havia denunciado o companheiro à PCDF.

Outros crimes

Somente em 2018, 16 mulheres foram assassinadas no Distrito Federal. No dia 14 de julho, Janaína Romão Lúcio, 30, perdeu a vida de forma covarde, a facadas, e na frente das filhas pequenas. Assassino confesso, o ex-marido, Steffanno Jesus Souza de Amorim, 21, está preso.

O crime bárbaro ocorreu em Santa Maria um dia após as autoridades alemãs divulgarem a prisão de Marcelo Bauer, que, há 31 anos, matou Thaís Mendonça, 19, sua namorada à época. Foi condenado à revelia em Brasília e, agora, sua impunidade chegou ao fim.

Os casos de feminicídio se assemelham não só pela brutalidade e covardia. O modo como os assassinos agem é parecido. De acordo com especialistas, os algozes, geralmente pessoas com quem as vítimas se relacionam, começam com pequenas exigências, cenas de ciúmes, cobranças, brigas seguidas de presentes e pedidos de desculpas com promessas de mudanças.

Acuadas e sob constante ameaça, em geral, as mulheres optam por não fazer a denúncia quando ocorre a primeira agressão. Depois, é um caminho sem volta. O Estado falha no combate à violência e à proteção às vítimas. A família, muitas vezes, não consegue evitar consequências mais graves. E as tragédias ocorrem.

Foi assim com Jessyka Laynara da Silva Souza, 25, morta a tiros pelo soldado da Polícia Militar Ronan Menezes, 27, no dia 4 de maio, em Ceilândia. Extremamente possessivo e controlador, o rapaz não aceitava o fim do relacionamento.

Ameaçava e agredia Jessyka constantemente. A moça, com medo, escondia os hematomas usando maquiagem. “Era para eu estar enterrada agora. Ele me espancou tanto, tanto. Me deu tanto chute, soco, coronhada. Rasgou minha cabeça”, contou a jovem, em áudio enviado para uma amiga. Agora, a mãe da vítima, a técnica de enfermagem Adriana Maria da Silva, 39, chora a perda da filha.

Em 6 de março, outro caso de feminicídio chocou o DF. A funcionária do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) Romilda Souza, 40, foi morta a tiros pelo marido e ex-vigilante Elson Martins da Silva, 39, que se suicidou em seguida, na 406 Sul.

Anexo F**METRÓPOLES**

Taxista que matou a mulher a tiros no DF está preso

Edilson Januário de Souto, 61 anos, estava foragido desde domingo (5/8), após ter disparado quatro tiros na vítima no Recanto das Emas



O taxista Edilson Januário de Souto, 61 anos, suspeito de matar a mulher, Marília Jane de Sousa Silva, 58, se entregou na 27ª Delegacia de Polícia (Recanto das Emas) nesta terça-feira (7/8). O crime ocorreu na noite de domingo (5). De acordo com a Polícia Civil, quatro tiros foram disparados dentro da residência do casal, na Quadra 405 da região administrativa. Um deles, fatal.

Segundo a delegada da 27ª DP, Simone Alencar, o homem compareceu à tarde na unidade policial acompanhado de um advogado. Ele disse que só vai falar em juízo. Não confessou, portanto, o crime bárbaro do qual é acusado. Com mandado de prisão preventiva expedido pela Justiça, Edilson será mantido na cadeia e encaminhado ao Complexo Penitenciário da Papuda. Responderá por feminicídio, cuja pena máxima é de 30 anos.

No dia seguinte ao crime, o delegado plantonista da 27ª DP Sérgio Bautzer deu detalhes do assassinato. Ele disse haver suspeitas de que o taxista teria passado o dia bebendo e, quando chegou à sua residência, discutiu com a mulher. Os objetos da casa ficaram revirados, indicando briga entre os dois.

O taxista atirou quatro vezes na mulher. Marília Silva tentou fugir, mas foi atingida. A vítima caiu quando ia em direção ao portão. “Ele arrastou o corpo dela para dentro da casa. Um vizinho percebeu a movimentação estranha e chamou a polícia”, detalhou o delegado, um dia após o crime.

Marília Jane de Sousa Silva, 58 anos, não teve chance de se defender. Reprodução
O portão estava trancado e teve de ser arrombado por um bombeiro que passava pelo local. Ele prestou os primeiros socorros, mas Marília não resistiu ao ferimento no tórax.

Ainda conforme detalhou Bautzer, antes de deixar a cena do crime, Edilson tirou o carro dele da garagem, colocou o da mulher, deixou os quatro celulares do casal no imóvel e fugiu em seu táxi – o veículo é um Spin de cor prata, placa 7431-DF.

O feminicídio chocou a vizinhança. Segundo uma moradora que prestava alguns serviços de costura para Marília, o casal residia na quadra há aproximadamente dois anos. Era discreto. Dava apenas “bom dia” e parecia tranquilo. “Aqui todo mundo se conhece. Apesar de eu não ser vizinha de porta deles, temos contato com todos e nunca ouvimos nenhum relato de discussão”, disse.

Conforme afirmou outro morador da quadra, sob condição de anonimato, apenas o casal morava no imóvel. “Nunca vimos outras pessoas. Eles não tinham contato conosco. Só ouvíamos que o marido reclamava do barulho quando as crianças jogavam bola em frente ao portão deles. Mas nunca presenciamos nenhuma briga”, relatou.

O taxista não tinha passagens pela polícia do Distrito Federal. Possuía apenas uma ocorrência de ameaça registrada em 2004. A vítima não tinha medida protetiva e nunca havia denunciado o companheiro à PCDF.

Anexo G**CORREIO BRAZILIENSE**

Mulher morre após cair do 3º andar de prédio na Asa Sul

Polícia investiga se a mulher foi jogada ou se teria pulado do edifício. Suspeito da morte, marido da vítima foi encaminhado à delegacia

BL_Bruna Lima - Especial para o Correio JE_Jéssica Eufrásio
postado em 06/08/2018 22:57 / atualizado em 07/08/2018 16:29



(foto: Bárbara Cabral/Esp. CB/D.A Press)

A Polícia Civil do Distrito Federal (PCDF) investiga um caso de suspeita de feminicídio, registrado na noite desta segunda-feira (6/8), na Asa Sul. O fato ocorreu no Bloco T da Quadra 415. Uma mulher de 37 anos foi encontrada caída no jardim do prédio por uma bombeira que passava pelo local. A vítima teria despencado do 3º andar do residencial.

Por volta das 18h, a Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF) foi acionada para atender uma suposta ocorrência de suicídio. Quando os militares chegaram ao prédio, encontraram bombeiros atendendo a vítima. Ela foi levada para o Hospital de Base, mas não resistiu.

Agentes da PCDF estiveram na quadra e, segundo a corporação, o marido da vítima, de 44 anos, é o principal suspeito. O caso é investigado pela 1ª Delegacia de Polícia (Asa Sul), para onde o companheiro da mulher foi levado para prestar esclarecimentos. Ele segue detido.

O marido da mulher foi achado trancado no apartamento em que a vítima e ele moravam. O homem teria se negado a abrir a porta, que precisou ser arrombada. De acordo com a PMDF, como as circunstâncias apresentaram indícios de homicídio, os policiais conduziram-no para a delegacia sob condição de suspeito. "Vizinhos relataram que ouviram o casal brigar e que as discussões eram frequentes. O suspeito estava totalmente embriagado e disse não saber do ocorrido. Na delegacia, quando soube que a companheira havia falecido, não esboçou reação", afirmou o sargento Sérgio Pereira.

Ainda segundo a PM, o dono do apartamento, um senhor de 70 anos, morava com o casal. Funcionário aposentado do Senado, ele estava em casa no momento da briga. Entretanto, ele teria dito aos agentes de segurança que estava dormindo na hora do ocorrido e, devido a uma deficiência auditiva, só acordou com a chegada dos policiais. "O idoso afirmou que não escutou a discussão e que não estava ciente do ocorrido até a chegada da nossa equipe", comentou o sargento.

O aposentado prestou depoimento na delegacia. A bombeira que encontrou a vítima caída e efetuou os procedimentos de primeiros socorros também depôs. Após os esclarecimentos, o idoso e a militar foram liberados. O caso é tratado como feminicídio.

Baleada pelo marido

No domingo (5/8), Marília Jane de Sousa Silva, 58 anos, foi baleada pelo marido na casa onde os dois moravam, na quadra 405 do Recanto das Emas. Os dois teriam discutido e o homem atirou contra a esposa enquanto ela estava na cama. O suspeito de efetuar os disparos, Edilson Januária de Souto, 61, está foragido. A 27ª Delegacia de Polícia (Recanto das Emas) investiga o caso.

Segundo dados da Secretaria de Segurança Pública e da Paz Social no Distrito Federal (SSP-DF), só no primeiro semestre de 2018 foram registrados 14 casos de feminicídio, contra 10 no mesmo período de 2017. O índice correspondeu a um aumento de 40%.

Anexo H

CORREIO BRAZILIENSE

Mulher que morreu após cair do 3º andar denunciou o marido duas vezes

Segundo testemunhas, casamento de Graziele e Jonas Zandoná era marcado por episódios de brigas e agressões. Polícia considera o marido suspeito de jogar a esposa do apartamento onde moravam

WG Walder Galvão - Especial para o Correio

postado em 07/08/2018 09:52 / atualizado em 07/08/2018 14:15



Carla Graziele Rodrigues Zandoná, 37 anos, caiu do terceiro andar. A Polícia Civil investiga o crime como feminicídio(foto: Bárbara Cabral/Esp. CB/D.A Press)

Os agentes da 1ª Delegacia de Polícia (Asa Sul) tentam descobrir como Carla Graziele Rodrigues Zandoná, 37 anos, caiu da janela do terceiro andar de um dos prédios da SQS 415, na Asa Sul. Após a queda, ela foi levada ao hospital pelo Corpo de Bombeiros, mas não resistiu e morreu.

A principal suspeita é a de que o marido dela, Jonas Zandoná, 44 anos, a tenha jogado do edifício. De acordo com a investigação, o casal tem histórico de violência doméstica, e Graziele havia denunciado Jonas duas vezes à polícia. Testemunhas informaram que as brigas entre os dois eram frequentes, com agressões físicas, injúrias e ameaças recíprocas.

O caso aconteceu na noite da segunda-feira (6/8). Uma testemunha, que passava pelo local, viu a queda de Graziele e interfonou no apartamento, perguntando se a mulher havia caído, mas Jonas desligou e se trancou no imóvel.

Também acionados, policiais militares chegaram ao imóvel e precisaram arrombar a porta, já que Jonas não a abria. Ainda segundo a Polícia Civil, o marido estava no apartamento no momento da queda e não desceu para prestar socorro. Ele apresentava sinais de embriaguez e afirmou não se lembrar do fato. Um idoso estava no apartamento, mas afirmou estar dormindo e não ter escutado nada.

De acordo com a Polícia Civil, "os policiais militares não preservaram o local do crime, fazendo buscas e espalhando roupas e objetos pelo apartamento", o que pode atrapalhar a perícia. A vítima não apresentava sinais de agressões, mas ainda passará por exame necroscópico para confirmar ou

descartar a hipótese de agressão antes da queda. Os policiais constataram que Jonas estava com escoriações no braço direito.

Até o momento, os investigadores escutaram seis pessoas, além do autor. O suspeito afirmou não se lembrar como machucou os braços. Agora, os agentes aguardam os laudos do local, cadavérico e de exame de corpo e delito realizado em Jonas.

14 casos de feminicídio em 2018

Segundo dados da Secretaria de Segurança Pública do DF (SSP-DF), só no primeiro semestre de 2018 foram registrados 14 casos de feminicídio, contra 10 no mesmo período de 2017. O índice correspondeu a um aumento de 40%.

No domingo (5/8), Marília Jane de Sousa Silva, 58 anos, foi baleada pelo marido na casa onde os dois moravam, na quadra 405 do Recanto das Emas. Os dois teriam discutido e o homem atirou contra a esposa enquanto ela estava na cama. O suspeito de efetuar os disparos, Edilson Januária de Souto, 61, está foragido. A 27ª Delegacia de Polícia (Recanto das Emas) investiga o caso.

Anexo I

CORREIO BRAZILIENSE

Marido de mulher que caiu do 3º andar é autuado por homicídio qualificado

Jonas Zandoná é suspeito de matar Carla Graziele. Ele foi autuado por homicídio triplamente qualificado, sendo feminicídio um dos qualificantes

PG_Pedro Grigori - Especial para o Correio

postado em 07/08/2018 13:24 / atualizado em 07/08/2018 14:16



A vítima foi encontrada morta após cair do 3º andar de um prédio na Asa Sul(foto: Bárbara Cabral/Esp. CB/D.A Press)

Suspeito de matar a esposa na noite de segunda-feira (6/8), Jonas Zandoná foi autuado por homicídio triplamente qualificado — motivo torpe, não apresentar possibilidade de defesa e feminicídio. Ele continua preso em flagrante na 1ª Delegacia de Polícia (Asa Sul).

Carla Graziele Rodrigues Zandoná caiu da janela do apartamento onde morava, no 3º andar de um dos prédios da SQS 415, na Asa Sul. Após ser socorrida, não resistiu e morreu no hospital. Se condenado, o acusado pode pegar até 30 anos em regime fechado.

De acordo com a investigação, o casal tem histórico de violência doméstica, e Graziele havia denunciado Jonas duas vezes à polícia. Vizinhos ouvidos pela Polícia Civil informaram que as brigas entre eles eram frequentes e contavam com agressões, injúrias e ameaças recíprocas.

Uma testemunha, que passava pelo local, viu a queda de Graziele e interfonou no apartamento, perguntando se a mulher havia caído, mas Jonas desligou e se trancou no imóvel. A Polícia Militar foi acionada e teve que arrombar a porta do apartamento, já que Jonas não a abria. Ele alegou que estava bêbado e não se lembrava do que tinha acontecido, e acabou conduzido à delegacia.

A vítima não apresentava sinais de agressões, mas ainda passará por exame necroscópico para confirmar ou descartar a hipótese de agressão antes da queda. Os policiais constataram que Jonas estava com escoriações no braço direito. Se confirmado, este será o 18º caso de feminicídio no DF apenas em 2018.

Anexo J**CORREIO BRAZILIENSE**

Suspeito de jogar mulher pela janela tem prisão convertida em preventivo

Jonas Zandoná, 44 anos, estava preso em flagrante. A esposa dele, Carla Zandoná, 37, havia o denunciado duas vezes por agressão. Na noite de segunda-feira, ela morreu ao despencar do terceiro andar do prédio na 415 Sul

WG Walder Galvão - Especial para o Correio

postado em 07/08/2018 15:40 / atualizado em 07/08/2018 19:54



Carla Zandoná, 37 anos, caiu do 3º andar do prédio(foto: Walder Galvão/Esp. CB/D.A Press)

O Tribunal de Justiça do Distrito Federal (TJDFT) determinou que a prisão de Jonas Zandoná, 44 anos, seja convertida em preventiva. Ele é suspeito de arremessar a esposa, Carla Grazielle Rodrigues Zandoná, 37, pela janela de um apartamento da quadra 415 da Asa Sul, nessa segunda-feira (6/8). O acusado estava preso em flagrante e foi encontrado pouco tempo após o crime, trancado na residência onde o casal vivia juntamente com um homem de 70 anos. A decisão é do juiz Aragonê Nunes Fernandes, da 11ª Vara do Tribunal do Júri de Brasília.

A defesa de Jonas pediu que ele fosse beneficiado com a liberdade provisória, mas o requerimento foi negado durante a audiência de custódia. "Destaco que o fato de o autuado ter aparentes distúrbios de ordem psiquiátrica/psicológica não o autoriza a praticar crimes. Nesse cenário, a segregação cautelar se impõe, como forma de garantir a ordem pública, freando a senda delitiva, bem assim para preservar a instrução criminal, ante o risco concreto de intimidação de testemunhas", ressaltou o juiz decidir sobre o caso.

Na 1ª Delegacia de Polícia (Asa Sul), Jonas foi autuado por homicídio triplamente qualificado — motivo torpe, não apresentar possibilidade de defesa e feminicídio. Se condenado, o acusado pode pegar até 30 anos de cadeia em regime fechado.

De acordo com a investigação, o casal tem histórico de violência doméstica, e Grazielle havia denunciado Jonas duas vezes à polícia. Vizinhos ouvidos pelos investigadores informaram que as brigas entre eles eram frequentes e agressões físicas, injúrias e ameaças recíprocas eram recorrentes.

Testemunha

O momento em que Carla Grazielle caía do apartamento foi testemunhado por uma pessoa, que interfonou perguntando se a mulher havia caído. Nessa hora, segundo contou à polícia, Jonas atendeu ao interfone, ouviu e desligou. A Polícia Militar foi acionada e teve que arrombar a porta da residência, já que Jonas não a abria. Ele alegou que estava bêbado e não se lembrava do que tinha acontecido.

Segundo a polícia, a vítima não apresentava sinais aparentes de agressões, mas ainda passará por exame necroscópico para confirmar ou descartar a hipótese de agressão antes da queda. Os policiais constataram que Jonas estava com escoriações no braço direito.

Anexo K**CORREIO BRAZILIENSE**

Dois dias antes da morte, vítima teria sido agredida pelo marido

Salmon Lustosa Elvas, 75 anos, morava com o casal e afirmou que as brigas eram constantes

WG Walder Galvão - Especial para o Correio

postado em 07/08/2018 16:26 / atualizado em 07/08/2018 16:27



Carla Zadonás, 37, caiu do 3º andar do prédio(foto: Bárbara Cabral/Esp. CB/D.A Press)

Depoimentos prestados na 1ª Delegacia de Polícia (Asa Sul) mostram que Carla Zadoná, 37 anos, e Jonas Zadoná, 44, tinham um histórico de brigas e agressões. Na noite dessa segunda-feira (6/8), os investigadores conduziram Salmon Lustosa Elvas, 75 anos, a prestar esclarecimentos, já que ele morava com o casal e estava dentro do apartamento no momento do crime. Ele contou que Carla teria sido agredida pelo marido dois dias antes de morrer.

De acordo com Salmon, o trio vivia no apartamento da Asa Sul havia 10 anos. Ele afirmou que as brigas entre o casal eram constantes e que Jonas teria ameaçado Carla de morte. No entanto, no dia do crime, o idoso afirmou estar dormindo e não viu a situação. Ele relatou aos policiais que não sabe se a vítima caiu, jogou-se do imóvel ou se foi empurrada pela janela.

A principal suspeita é de que o marido tenha jogado a mulher do edifício. De acordo com a investigação, testemunhas informaram que agressões físicas, injúrias e ameaças recíprocas aconteciam com frequência na vida do casal.

Uma pessoa que passava pelo local viu a queda de Grazielle e interfonou para o apartamento perguntando se a mulher havia caído, mas Jonas desligou e se trancou no imóvel. Policiais militares precisaram arrombar a porta, pois o acusado se recusava a abri-la. Ainda segundo a Polícia Civil, o marido estava no apartamento no momento da queda e não desceu para prestar socorro. Ele apresentava sinais de embriaguez e afirmou não se lembrar de nada.

Prisão preventiva

Nesta terça-feira (7/8), o Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT) determinou que a prisão de Jonas Zandoná, 44 anos, seja convertida em preventiva. O acusado estava preso em flagrante. A decisão é do juiz Aragonê Nunes Fernandes, da 11ª Vara do Tribunal do Júri de Brasília.

A defesa de Jonas pediu que ele fosse beneficiado com a liberdade provisória, mas o requerimento foi negado na audiência de custódia. "Destaco que o fato de o autuado ter aparentes distúrbios de ordem psiquiátrica/psicológica não o autoriza a praticar crimes. Nesse cenário, a segregação cautelar se impõe, como forma de garantir a ordem pública, freando a senda delitiva, bem assim para preservar a instrução criminal, ante o risco concreto de intimidação de testemunhas", ressaltou o juiz.

Anexo L

CORREIO BRAZILIENSE

Caso Carla Graziele: acusado tinha 3 passagens por agredir mulher e sogra

Jonas Zandoná não prestou socorro e se trancou no apartamento depois, o que aumenta a suspeita de que tenha jogado a mulher do terceiro andar de prédio na 415 Sul. Depoimento de idoso reforça que agressões eram constantes

WG Walder Galvão - Especial para o Correio

postado em 08/08/2018 12:11 / atualizado em 08/08/2018 17:13



Carla foi encontrada morta após queda do 3º andar em prédio na Asa Sul(foto: Bárbara Cabral/Esp. CB/D.A Press)

Suspeito de jogar a mulher do terceiro andar de um prédio na 415 Sul, Jonas Zandoná, 44 anos, já havia sido denunciado pela mãe dela em 2015, por agressão. De acordo com o boletim de ocorrência, ele teria torcido o braço da sogra e a ameaçado de morte. Em 2016, foi a própria Carla Graziele Zandoná, 37, que o denunciou. Segundo ela, o marido tentou enforcá-la e a ofendeu. No ano seguinte, o acusado foi preso pelo mesmo motivo.

O delegado acredita que as agressões tenham progredido até a morte da mulher. “Temos elementos que levam a acreditar que, de fato, ele tenha jogado a mulher pela janela. Ele não prestou socorro e ainda se trancou no apartamento após o ocorrido”, aponta Ataliba. A Polícia Militar ainda informou que, no momento em que entrou no apartamento, Jonas estava com uma faca na mão e precisou ser contido.

Em depoimento à polícia, Salmon Lustosa Elvas, 75, que morava com o casal no apartamento na SQS 415, de onde a mulher caiu na noite de segunda-feira (6/8), contou que o casal tinha uma rotina de brigas. “Ele disse que, no sábado, Jonas teria tentado estrangular Carla. Além disso, ele disse que, no domingo, um dia antes do crime, ambos teriam trocado ameaças, inclusive de morte”, relata o delegado. O casal tem um filho de 19 anos, que também contou aos investigadores que a dupla costumava brigar constantemente.

Ainda de acordo com o delegado Ataliba, uma denúncia anônima acusando o casal de explorar o idoso chegou à Polícia Civil em 2017, mas as investigações foram cessadas em abril passado, depois que Salmon negou o fato.

Carla Grazielle será enterrada nesta quarta-feira (8/8), no Cemitério Campo da Esperança de Taguatinga. O velório está previsto para começar por volta das 12h e o sepultamento deve ocorrer às 14h, na capela 6.

Anexo M**CORREIO BRAZILIENSE**

Carla Graziele, morta ao cair do 3º andar, é enterrada em Brazlândia

A mulher, de 37 anos, morreu na noite de segunda-feira (6/8). Companheiro da vítima é o principal suspeito de ter cometido o crime

SP_Sarah Peres - Especial para o Correio

postado em 08/08/2018 17:42 / atualizado em 08/08/2018 17:42



Familiares e amigos de Carla se reuniram para o último adeus à vítima(foto: Sarah Peres/Esp. CB/D.A Press)

O corpo de Carla Graziele Zandoná, 37 anos, que morreu na segunda-feira (6/8) após cair da janela do seu apartamento na 415 Sul, supostamente empurrada pelo marido, Jonas Zandoná, 44, foi sepultado na tarde desta quarta-feira (8/8), no Cemitério de Brazlândia. A cerimônia deveria acontecer no Cemitério de Taguatinga, mas foi transferida para a outra cidade, onde familiares da mulher estão enterrados.

Cerca de 80 pessoas compareceram ao enterro, que ficou marcado por dor e indignação. Marlene Coelho, 57, tia da vítima, cobra justiça pelo crime. "O que queremos é que tudo seja esclarecido, que a justiça seja feita. Estamos sofrendo muito com tudo isso, porque ela foi tirada de nós antes do tempo", lamenta.

O velório teve início às 14h. Durante toda a cerimônia, amigos e familiares estavam desconsolados. O único filho da vítima, de 19 anos, gritava para que o caixão não fosse fechado. Muito abalados, ele e a mãe de Carla, Oscanira Alves Coelho, 56, não quiseram se pronunciar.

Relacionamento abusivo

Familiares de Carla conversaram com a reportagem, mas preferiram não se identificar. Eles relataram que a mulher era agredida por Jonas, principal suspeito de cometer o crime, desde o começo do relacionamento. Os dois casaram quando Carla ainda era uma adolescente, com 16 anos.

"Ela sempre foi uma menina muito meiga e doce, que acreditava no casamento. Por isso, aguentou tantos anos de abuso. Mas nós, como família, sempre tentamos aconselhar e pedir para que ela o deixasse", contou uma familiar.

Anexo N

CORREIO BRAZILIENSE

Polícia busca provas para indiciar acusado de jogar mulher do 3º andar

Após ouvir depoimentos e constatar a inércia do acusado diante da morte da companheira, investigadores aumentam a hipótese de ela ter sido jogada de prédio. Esse foi o terceiro caso de violência extrema contra uma moradora de Brasília, em três dias

PG_Pedro Grigori - Especial para o Correio WG_Walder Galvão - Especial para o Correio
postado em 09/08/2018 06:00 / atualizado em 08/08/2018 23:55



Familiares e amigos no enterro de Carla, ontem, em Brazlândia: parentes relataram agressões verbais e físicas por parte do marido dela, com quem era casada havia 21 anos(foto: Sarah Peres/Esp. CB/D.A Press)

Testemunhas e o comportamento do único suspeito reforçam a hipótese de Carla Grazielle Zandoná, 37 anos, ter sido empurrada ou jogada do terceiro andar do Bloco T da 415 Sul, na noite de segunda-feira. Os agentes agora buscam provas para o indiciamento do ex-motorista Jonas Zandoná, 44, por homicídio qualificado com os agravantes de um feminicídio, crime motivado pelo ódio à mulher. Preso em flagrante, o suspeito era casado com a vítima, com quem teve um filho de 19 anos.

Para o delegado responsável pelo caso, João de Ataliba Neto, adjunto da 1ª Delegacia de Polícia (Asa Sul), o comportamento de Jonas aponta que ele “não estava alheio à situação”. Segundo o investigador, o ex-motorista não agiu “como alguém que não fez nada de errado”. “Uma testemunha viu o momento da queda da vítima, gritou por socorro e interfonou ao apartamento. Jonas teria atendido e não demonstrado reação. A pessoa teria perguntado: ‘Foi aí que caiu uma mulher?’ E o marido teria ficado calado. Desligou, não desceu para ver o que tinha acontecido e se trancou no apartamento”, contou Ataliba.

Quando policiais militares chegaram ao bloco, Jonas ainda estava com a porta de casa trancada. “Os militares bateram na porta e o homem se recusou a abrir, o que fez com que os policiais a arrombassem”, detalhou o delegado. De acordo com a Polícia Militar, Jonas estava armado com uma faca, dentro do apartamento. “Ao ir para a cela da delegacia, o homem disse a outro preso que estava lá porque tinha matado a mulher”, ressaltou Ataliba. Essa declaração será incluída no inquérito.

Carla caiu de costas. Isso também corrobora para os investigadores acreditarem que ela foi empurrada ou arremessada. Os agentes vão escutar mais testemunhas, como vizinhos e familiares e têm até 10 dias para concluir as investigações, pois o suspeito teve a prisão convertida para preventiva. Os agentes aguardam o resultado da perícia e dos exames de corpo delito realizados no suspeito e na vítima. Também buscam câmeras de segurança que possam esclarecer as questões da morte de Carla. “Mesmo que não exista imagens do momento da queda, podemos conseguir algum material que mostre o casal momentos antes do ocorrido. Eles podem ter brigado ainda embaixo do prédio ou no elevador”, observou o delegado.

Ficha criminal

O filho de Carla e Jonas contou aos investigadores que os pais brigavam frequentemente e que Jonas havia agredido a mãe fisicamente. “Há uma ocorrência contra o suspeito, de 2015, que diz que ele torceu o braço e ameaçou a sogra de morte. Em 2016, a esposa o denunciou por injúria e agressão. No ano seguinte, ele foi preso por ameaça e lesão corporal contra a mulher”, contou Ataliba. “Recebemos relatos de que ele é uma pessoa alcoólatra e fica violento quando bebe. Temos informações de que ele já quebrou até o maxilar da vítima e ela preferiu não denunciar, por ficar com pena”, completou.

O casal dividia o apartamento com Salmon Lustosa Elvas, 75, servidor aposentado do Senado Federal. Em depoimento, ele contou que dormia quando Carla caiu pela janela. O trio morava junto havia 18 anos, mas o único que tinha fonte de renda era o idoso. “Jonas trabalhou como motorista para Salmon, mas estava desempregado, e Carla dizia que fazia apenas diárias no apartamento, mas testemunhas contaram que ela também morava lá”, comentou Ataliba.

Indignação

Choro e indignação marcaram o enterro de Carla, no Cemitério de Brazlândia, ontem à tarde. Enquanto o corpo de Carla era velado, o filho e a mãe da vítima, Oscarina Alves Coelho Rodrigues, 56, choravam à beira do caixão. A todo momento, algum parente se questionava sobre o motivo do assassinato. “Só queremos Justiça e que quem tiver que pagar, que pague. O que sentimos é muita dor, algo imensurável”, lamentou Marlene Coelho de Sousa, 57, tia de Carla.

Jonas foi o primeiro e único namorado de Carla, que se casou com ele aos 16 anos. Passaram a morar na casa da mãe dela, em Ceilândia. Por conta das agressões físicas e psicológicas constantes contra Carla, Oscarina expulsou Jonas de casa. Como ele era próximo de Salmon há anos, foi convidado a viver com ele, na 415 Sul. Carla costumava passar a semana no apartamento, com eles, e, aos sábados e domingos, ficava com a mãe. Por um tempo, Carla trabalhou como diarista para Salmon.

Outro enterro

Além de Carla Grazielle, as duas outras vítimas mais recentes de feminicídio no DF são Adriana Castro Rosa Santos, 40, morta terça-feira, e Marília Jane de Sousa Silva, 58, assassinada no domingo. Com as três ocorrências em três dias, o DF registrou 19 feminicídios até 7 de agosto, a mesma quantidade do anotado nos 12 meses do ano passado.

Adriana foi assassinada a tiros pelo ex-marido, o policial militar Epaminondas Silva Santos, 51, que se matou após o crime, na manhã de terça-feira. O corpo dela será velado a partir das 8h de hoje, na capela 4 do Cemitério Campo da Esperança, em Taguatinga. O sepultamento está previsto para as 11h.

Marília também foi baleada. O assassino confesso é o taxista Edilson Januário de Souto, 61. Ele fugiu após o crime, no fim da tarde de domingo, e se entregou terça-feira, na 27ª DP (Recanto das Emas). Desde então, está preso. O corpo da vítima foi levado para Paraíba, onde moram os familiares.

Para saber mais

Punição mais rigorosa

O Senado aprovou, terça-feira, um projeto de lei que aumenta a pena em casos de estupro coletivo. O texto também torna infração a importunação sexual — quando alguém divulga vídeo ou foto de estupro —, com pena de um a cinco anos de prisão. O projeto prevê que a punição de seis a 10 anos de cadeia para o estupro aumenta em um terço se o crime for cometido em local público, aberto ao público ou com grande aglomeração de pessoas ou em meio de transporte público, à noite, em lugar ermo, com arma ou outro meio que dificulte a defesa da vítima. O projeto segue para sanção presidencial.

Três perguntas para

Rejane Jungbluth, juíza titular do Juizado de violência doméstica de São Sebastião e autora do livro *Invisíveis Marias: histórias além das quatro paredes*



(foto: Minervino Junior/CB/D.A Press)

Como uma mulher pode perceber que está inserida em um contexto de violência doméstica?

Os episódios de violência doméstica dificilmente começam com a agressão física, porque, se não, nenhuma mulher permaneceria no relacionamento com um homem agressivo. O agressor alega carinho e cuidado, em episódios como as crises de ciúmes, a proibição do uso de uma determinada peça de roupa. São momentos que, no início, podem ser confundidos com amor e cuidado, mas são tipos de violência psicológica e moral.

Como funcionam as redes de proteção?

Inseridas em um contexto de violência, as vítimas, na maioria das vezes, não percebem os históricos de agressão. Por isso, é necessário que os serviços de saúde acolham essa mulher, com atendimentos psicológicos e de assistência social. A rede familiar e de amigos que cerca essa mulher percebe essa situação antes mesmo que ela. Portanto, o primeiro passo para reconhecer essa violência é escutar quem está ao lado. Depois do amparo, a busca pelo sistema de Justiça é importante, como as delegacias e o Ministério Público.

Como encorajar as mulheres a fazer denúncias?

Violência doméstica se combate falando da violência em si. É importante ter ações solidárias para mostrar caminhos, as consequências das denúncias, para incentivar a quebra do ciclo da violência. Outra forma é mostrar outras histórias, sejam aquelas que acabem bem, sejam aquelas que acabem mal, porque a mulher que se enxerga em situação parecida pensa se aquilo pode ou não acontecer com ela, como no caso de um feminicídio, por exemplo. Nessa identificação da mulher com outras histórias, ela conhece os trâmites processuais.

Anexo O

METRÓPOLES

Mulher morre ao cair de prédio na Asa Sul. Suspeita é de feminicídio

Caso ocorreu na 415 Sul. Marido da vítima, que, segundo a polícia, pode ter jogado Carla Grazielle da janela, está preso



Uma mulher morreu após cair do terceiro andar de um prédio residencial na 415 Sul. O caso ocorreu no Bloco T, na tarde desta segunda-feira (6/8). O marido dela foi preso e é apontado como suspeito de tê-la jogado do apartamento.

Segundo a Polícia Civil, a mulher caiu de costas e tinha marcas no pescoço, possivelmente indicando agressão.

De acordo com o sargento da Polícia Militar Sérgio Pereira, o suspeito se chama Jonas Zandonar, 44 anos, e a esposa dele, Carla Grazielle Rodrigues Zandonar, 37. Ambos estariam desempregados.

A vítima ainda estava viva quando o atendimento do Corpo de Bombeiros chegou. Ela recebeu os primeiros socorros no local e foi encaminhada para o Instituto Hospital de Base (IHB), mas não resistiu aos ferimentos e morreu na unidade de saúde.

Jonas, segundo agentes da delegacia contaram à reportagem, tem histórico de violência. O homem foi levado para a 1ª DP (Asa Sul), onde permanecia detido até a noite de segunda (6).

Porta arrombada

Quando os policiais chegaram para atender a ocorrência, a porta do apartamento teve que ser arrombada. Jonas estava dentro do imóvel. “Ele toma remédio para esquizofrenia e falava frases desconexas no momento da prisão. Também apresentava sintomas de embriaguez”, contou o sargento da PM Sérgio Pereira ao **Metrópoles**. Um idoso que mora com o casal também estava no apartamento. Mas, segundo ele disse em depoimento, estava dormindo e, por ter deficiência auditiva, só acordou com

a chegada dos bombeiros e da PM. A Polícia Civil não informou a relação dele com os dois.

MATERIAL CEDIDO AO METRÓPOLES



Carla Grazielle

Moradores do Bloco T viram o Corpo de Bombeiros prestar o socorro e todo o trabalho da perícia, feita pela Polícia Civil. Um deles, que pediu para não ter o nome divulgado, disse ter ouvido a conversa entre dois policiais pedindo para verificar se havia sinais de arrombamento na porta.

Taxista

O episódio ocorre um dia após uma ocorrência chocar o Distrito Federal. Na noite de domingo (5), o taxista Edilson Januário de Souto executou a tiros a mulher, Marília Jane de Sousa Silva, após uma discussão do casal.

Depois de matar a companheira, estacionou o carro dela dentro do terreno, fechou o portão e saiu.

O crime foi cometido na Quadra 405 do Recanto das Emas, por volta das 20h30. Até a última atualização desta reportagem, Edilson ainda não havia sido localizado pela polícia.

Anexo P

METRÓPOLES

Mulher morta ao cair da janela já havia denunciado marido por agressão

Jonas Zandoná, 44 anos, foi autuado por feminicídio, homicídio triplamente qualificado por motivo torpe e sem chance de defesa da vítima



JP RODRIGUES/METRÓPOLES

Jonas Zandoná, 44 anos, foi autuado em flagrante por feminicídio, homicídio triplamente qualificado por motivo torpe e sem chance de defesa da vítima. Para a Polícia Civil, o suspeito jogou a companheira do terceiro andar de um prédio residencial na 415 Sul, nessa segunda-feira (6/8). Carla Grazielle Rodrigues Zandoná, 37, chegou a ser socorrida. No entanto, teve uma parada cardíaca e morreu por volta de 19h35. A vítima já havia denunciado o companheiro por agressão duas vezes. A última, em 2016, na Delegacia Especial de Atendimento à Mulher (Deam). De acordo com o delegado da 1ª Delegacia de Polícia (Asa Sul), João de Ataliba Neto, a mulher tinha marcas de lesão no braço esquerdo. “Não sabemos se é recente. Teremos que esperar o laudo cadavérico e do local para saber o que ocorreu”, disse. Uma testemunha relatou que as brigas entre o casal eram constantes.

Segundo o delegado, uma testemunha viu o momento em que a vítima caiu. A pessoa teria interfonado no apartamento. Jonas atendeu, respondeu apenas “pronto” e desligou. Quando a polícia chegou ao prédio, o acusado afirmou que estava dormindo e não se lembrar de nada. O casal morava com um idoso de 78 anos, que seria dono do imóvel, há 18 anos. Eles residiam há uma década no imóvel. A relação entre os três ainda não foi explicada.

Quando os policiais chegaram para atender a ocorrência, a porta do apartamento teve de ser arrombada. Jonas estava dentro do imóvel. “Ele toma remédio para esquizofrenia e falava frases desconexas no momento da prisão. Também apresentava sintomas de embriaguez”, contou o sargento da PM Sérgio Pereira ao **Metrópoles**.

Taxista

O episódio ocorre um dia após outra bárbarie chocar o Distrito Federal. Na noite de

domingo (5), o taxista Edilson Januário de Souto executou a tiros a esposa, Marília Jane de Sousa Silva, após uma discussão do casal.

Depois de matar a companheira, estacionou o carro da vítima dentro do terreno, fechou o portão e saiu. O crime foi cometido na Quadra 405 do Recanto das Emas, por volta das 20h30. Até a última atualização desta reportagem, Edilson ainda não havia sido localizado pela polícia.

Somente em 2018, pelo menos 18 mulheres foram assassinadas no Distrito Federal. Os casos se assemelham não só pela brutalidade e covardia. O modo como os assassinos agem é parecido. De acordo com especialistas, os algozes, geralmente pessoas com quem as vítimas se relacionam, começam com pequenas exigências, cenas de ciúmes, cobranças, brigas seguidas de presentes e pedidos de desculpas com promessas de mudanças.

Acuadas e sob constante ameaça, em geral, as mulheres optam por não fazer a denúncia quando ocorre a primeira agressão. Depois, é um caminho sem volta. O Estado falha no combate à violência e proteção às vítimas. A família, muitas vezes, não consegue evitar consequências mais graves. Assim, as tragédias vêm ocorrendo.

Anexo Q**METRÓPOLES**

Antes de crime na Asa Sul, idoso viu homem apertar pescoço da mulher

Servidor aposentado disse que presenciou Jonas Zandoná agredindo Carla Grazielle dois dias antes de ela ser jogada do 3º andar de prédio

O depoimento do servidor aposentado do Senado Salmon Lustosa Elvas, 75 anos, confirmou a rotina de agressões e ameaças no apartamento 308 do Bloco T da 415 Sul. Na noite de segunda-feira (6/8), Jonas Zandoná, 44 anos, foi acusado de jogar a esposa Carla Grazielle Rodrigues Zandoná, 37, do terceiro andar do imóvel. A mulher morreu e ele está preso. Dois dias antes, segundo o idoso, o homem teria tentado esganar a vítima. “O vi apertando o pescoço dela”, disse, em depoimento.

À Polícia, Jonas confidenciou que tinha uma relação amorosa com Salmon “em segredo”, uma vez que ele era casado com Carla. O idoso nega. Ele é o único que possuía renda entre os três. Pais de um jovem de 19 anos, Jonas e Carla não trabalhavam. Quem convivia com eles diz que o casal bebia todos os dias.

Em 2017, uma denúncia anônima chegou até a Delegacia Especial de Repressão aos Crimes por Discriminação Racial, Religiosa ou por Orientação Sexual ou contra a Pessoa Idosa ou com Deficiência (Decrin), de que ambos estariam explorando financeiramente o idoso. Mas Salmon prestou depoimento na ocasião, disse que apenas o ajudava. O suposto “caso” entre os dois homens era de conhecimento da vizinhança.

No dia do crime, Salmon estava em casa. Mas disse que dormia no momento e não viu quando Jonas teria jogado a mulher da janela. Preso em flagrante, o acusado pelo crime teve a prisão convertida em preventiva pela Justiça nessa terça-feira (7). O juiz Aragonê Nunes, porém, mandou ele ficar separado dos demais detentos supostamente por apresentar problemas psiquiátricos.

Em coletiva à imprensa nesta quarta (8), o delegado-chefe da 1ª DP (Asa Sul), João de Ataliba Neto, disse que a cena do crime foi alterada pela Polícia Militar. “A PM revirou o apartamento onde ocorreu o crime. Não é o procedimento correto. As gavetas e as roupas ficaram reviradas. A perícia vai constatar se essa ação, de fato, atrapalhou na coleta de provas”, destacou.



Jonas Zandoná está preso preventivamente acusado de jogar a mulher do terceiro andar do Bloco T da 415 Sul

Constantemente agredida, em 2017, Carla registrou uma ocorrência contra Jonas por injúria, ameaça e lesão corporal. Ele teria tentado enforcá-la e a xingou de “rapariga”. O homem responde a mais duas denúncias, feitas em 2015 e 2016, pelos mesmos crimes.

O filho do casal disse informalmente à polícia que eles sempre brigavam e que a mãe era constantemente agredida. “Ele (Jonas) se esconde atrás da bebida. Diz que estava bêbado e não se lembra de nada. Esse discurso foi usado por ele sempre que foi questionado sobre as agressões”, assinalou o delegado. Preso na 1ª DP, o homem chegou a confessar a outro detento que estava detido porque matou a esposa.

No dia em que Carla foi jogada da janela, ele estaria embriagado. Não prestou socorro à vítima. Pelo contrário. Continuou em casa como se nada tivesse acontecido enquanto a mulher agonizava debaixo do bloco. Ele já tinha quebrado o maxilar dela em uma outra agressão.

Em um intervalo de 48 horas, o Distrito Federal registou três casos de feminicídio. O brutal assassinato de Adriana Castro Rosa Santos, 40, morta com dois tiros na cabeça pelo ex-companheiro, o policial militar Epaminondas Silva Santos, 51, foi o mais recente, ocorrido nessa terça-feira (7), dia em que a Lei Maria da Penha completou 12 anos.

Os números chocam: até agora, em 2018, o DF registrou 19 feminicídios, mesmo número de 2017 inteiro. O registro de ocorrências de agressões contra mulheres que não acabaram em morte também aumentou. Nos seis primeiros meses de 2018, houve 7.169, contra 7.029 no mesmo período de 2017. Cerca de 79% dos casos ocorrem na casa da vítima.

Anexo R

METRÓPOLES

Filho de mulher jogada pela janela se desespera: “Não fecha o caixão”

Corpo de Carla Zandoná foi enterrado em Brazlândia. Segundo uma parente, a vítima foi espancada a vida inteira pelo marido, que está preso



O corpo de Carla Grazielle Rodrigues Zandoná, 37 anos, foi enterrado na tarde desta quarta-feira (8/8) no Cemitério de Brazlândia. Cerca de 80 pessoas estavam presentes. O clima era de muita comoção e revolta. A mulher morreu na noite de segunda-feira (6) após cair do 3º andar do Bloco T da 415 Sul. O marido da vítima, Jonas Zandoná, 44, foi preso no mesmo dia acusado de ter jogado a companheira pela janela.

O casal tinha um filho de 20 anos. O rapaz entrou em desespero ao ver o corpo da mãe ser enterrado. “Não fecha o caixão. Não fecha isso, não. É minha mãe”, gritou o jovem. De acordo com relato de uma tia da vítima, que pediu para não ser identificada, Carla vivia um relacionamento abusivo com Jonas. “Foi espancada a vida inteira por ele”, contou.

No dia do crime, o servidor aposentado do Senado Salmon Lustosa Elvas, 75, também estava na casa. Mas o homem afirmou que dormia e, portanto, não escutou a briga do casal, tampouco quando Jonas teria jogado a esposa do apartamento 308.

Filho de mulher jogada pela janela se desespera: “Não fecha o caixão”

Abrir em Tela Cheia

Delegado-adjunto da 1ª DP João de Ataliba Nogueira Neto disse que porteiro não sabe ao certo quantos furtos cometeu

Jonas Zandoná está preso preventivamente acusado de jogar a mulher do terceiro andar do Bloco T da 415 Sul

Delegado-adjunto da 1ª DP João de Ataliba Nogueira Neto disse que porteiro não sabe ao certo quantos furtos cometeu

Em 2017, uma denúncia anônima chegou até a Delegacia Especial de Repressão aos Crimes por Discriminação Racial, Religiosa ou por Orientação Sexual ou contra a Pessoa Idosa ou com Deficiência (Decrin), de que ambos estariam explorando

financeiramente o idoso. Mas Salmon prestou depoimento na ocasião e garantiu que apenas os ajudava.

Já Jonas deu outra versão. Confidenciou na delegacia que tinha um relacionamento amoroso “em sigilo” com o aposentado. Salmon nega. O fato é que a família também não entende o tipo de envolvimento entre eles. “Essa história está mal explicada e muito nebulosa. Nunca ouvimos falar desse homem (servidor aposentado)”, ressaltou a tia de Carla.

Constantemente agredida, em 2017, a vítima registrou uma ocorrência contra Jonas por injúria, ameaça e lesão corporal. Ele teria tentado enforca-lá e a xingou de “rapariga”. O homem responde a mais duas denúncias, feitas em 2015 e 2016, pelos mesmos crimes. Conforme relato do aposentado, dois dias antes do crime, o acusado teria tentado esganar a vítima.

“Ele [Jonas] se esconde atrás da bebida. Diz que estava bêbado e não se lembra de nada. Esse discurso é usado por ele sempre que questionado sobre as agressões”, assinalou o delegado-chefe da 1ª DP [Asa Sul], João de Ataliba Neto. De acordo com o policial, o acusado chegou a confessar a outro detento que havia matado a esposa.

No dia em que Carla foi jogada da janela, o suspeito estaria embriagado. Não prestou socorro à vítima. Pelo contrário. Continuou em casa como se nada tivesse acontecido, enquanto a mulher agonizava debaixo do bloco. Jonas já tinha quebrado o maxilar da companheira em uma outra agressão.

Em um intervalo de 48 horas, o Distrito Federal registrou três casos de feminicídio. O brutal assassinato de Adriana Castro Rosa Santos, 40, morta com dois tiros na cabeça pelo o ex-companheiro, o policial militar Epaminondas Silva Santos, 51, foi o mais recente, ocorrido nessa terça-feira (7), dia em que a Lei Maria da Penha completou 12 anos.

Os números chocam: até agora, em 2018, o DF registrou 19 feminicídios, mesmo número de 2017 inteiro. O registro de ocorrências de agressões contra mulheres que não acabaram em morte também aumentou. Nos seis primeiros meses de 2018, houve 7.169, contra 7.029 no mesmo período de 2017. Cerca de 79% dos casos ocorrem na casa da vítima.

Anexo S

METRÓPOLES

Acusado de jogar mulher pela janela na Asa Sul é denunciado à Justiça

Jonas Zandoná vai responder por homicídio triplamente qualificado perante o Tribunal do Júri de Brasília

O Ministério Público denunciou Jonas Zandoná, 44 anos, à Justiça. Acusado de jogar a companheira, Grazielle Rodrigues Zandoná, 37, da janela do terceiro andar de um prédio da 415 Sul, o suspeito vai responder, perante o Tribunal do Júri de Brasília, por homicídio triplamente qualificado, feminicídio, motivo torpe e pelo fato de não ter dado chance de defesa à vítima.

O crime ocorreu no dia 6 de agosto. Com base nas investigações, o homem teria jogado Carla Zandoná pela janela e permanecido dentro da residência como se nada tivesse ocorrido. Jonas tem ocorrências policiais registradas contra ele nos anos de 2015, 2016 e 2017.

A vítima ainda chegou a ser socorrida. No entanto, teve parada cardíaca e morreu por volta de 19h35. Carla já havia denunciado o companheiro pelo menos duas vezes por agressão. A última, em 2016, na Delegacia Especial de Atendimento à Mulher (Deam).

De acordo com o delegado da 1ª DP (Asa Sul), João de Ataliba Neto, a mulher tinha marcas de lesão no braço esquerdo quando foi encontrada debaixo do edifício. Conforme informado pelo investigador, uma testemunha viu o momento em que a vítima caiu e, em seguida, teria interfonado no apartamento. Jonas atendeu, respondeu apenas “pronto” e desligou.

Quando a polícia chegou ao prédio, o acusado afirmou que estava dormindo e alegou não se lembrar de nada. O casal morava com um idoso de 78 anos, apontado como o dono do imóvel. Eles residiam há uma década no apartamento. A relação entre os três ainda não foi explicada.

Anexo T

CORREIO BRAZILIENSE

Mais um feminicídio no DF: PM mata a mulher e se mata em seguida

Adriana Castro foi morta a tiros no Riacho Fundo II. Segundo informações preliminares, o marido dela chegou em uma moto, atirou contra ela e depois tirou a própria vida

MM Mariana Machado - Especial para o Correio
postado em 07/08/2018 10:44 / atualizado em 07/08/2018 19:52

No dia em que a Lei Maria da Penha completa 12 anos, mais um caso de feminicídio é registrado no Distrito Federal. Adriana Castro Rosa Santos, 40 anos, foi assassinada nesta terça-feira (7/8) pelo marido, o policial militar Epaminondas Silva Santos, 51 anos, que, em seguida, tirou a própria vida.



Epaminondas Silva Santos: segundo informações da PMDF, ele matou a mulher com um tiro(foto: PMDF/Divulgação)

O crime aconteceu por volta das 10h, no Riacho Fundo II, em frente à casa da mãe de Adriana. De acordo com informações preliminares da Polícia Militar, Epaminondas chegou ao local em uma moto, chamou a vítima para conversar e atirou nela. Em seguida, se matou. Epaminondas Santos era lotado no 8º Batalhão da PM. Os dois tinham três filhos: um menino de 11 anos, uma menina de 8 e outro garoto de 5.

Segundo uma vizinha, que não quis se identificar, o PM deve ter atirado duas vezes contra Adriana antes de voltar a arma para ele mesmo. "Eu estava de costas, cuidando do jardim, quando ouvi três disparos. Foi muito rápido. Quando me virei, os corpos estavam no chão, e a mãe dela gritava desesperada", disse.

Quando o socorro chegou, contou a testemunha, Adriana ainda se debatia, mas não resistiu aos ferimentos. Ainda de acordo ela, apesar de ainda serem casados, os dois estavam separados. Por isso, Adriana estava na casa da mãe. Foi essa vizinha que acionou os

bombeiros e a Polícia Militar, que isolou o local e chamou peritos da Polícia Civil para analisar a cena.

Outra vizinha, a dona de casa Givanilde Cavalcante, 36, conhece Adriana e a mãe, Graça, há mais de 20 anos, mas que perdeu o contato depois do casamento. Ela disse que ouviu os disparos e, em seguida, os gritos da mãe da vítima. “Os filhos deles estavam na garagem, viram praticamente tudo”, comentou. Ela contou que Adriana era uma pessoa divertida. Apesar de não conhecer o militar, disse que a mãe dela costumava reclamar do comportamento dele. “Quando ele bebia, ficava alterado e eles discutiam”, disse.

A rua onde o crime aconteceu fica em frente ao Centro de Ensino Fundamental 1 do Riacho Fundo II, e próximo ao Conselho tutelar da cidade. Moradores que acompanhavam o trabalho da polícia disseram que é uma rua tranquila e nunca tinham visto um crime como aquele naquela área.

Caso a morte de Grazielle Zandoná — que caiu do terceiro andar de um prédio na SQS 415 — seja confirmada como feminicídio, Adriana será a terceira vítima desse tipo de crime no Distrito Federal em apenas três dias. E este será o 18º feminicídio em Brasília este ano.

Violência recorrente

O terceiro caso ocorrido nesta semana foi o assassinato de Marília Jane de Sousa Silva, 58, morta a tiros pelo marido, o taxista Edilson Januário de Souto. Após o crime, no domingo passado, ele fugiu e é procurado pela Polícia Civil. Quem tiver pistas sobre o homem, pode denunciar de forma anônima ligando no 197, pelo WhatsApp 61 98626-1197; pelo e-mail denuncia197@pcdf.df.gov.br ou pelo site pcdf.df.gov.br/servicos/197.

Em 14 de julho, Janaína Romão Lúcio, de 30 anos, foi morta a facadas pelo ex-companheiro dela, Stefano Jesus Souza de Amorim, 21, na frente dos filhos do casal. Em 4 de maio, o policial militar Ronan Menezes do Rego, 27, matou a ex-namorada, Jessyka Laynara Silva, 25, com cinco tiros em Ceilândia. Depois, foi até uma academia e disparou contra um instrutor, que sobreviveu. O feminicídio aconteceu após PM não aceitar o fim do relacionamento.

Nota da PM

Na tarde desta terça-feira (7/8), a Polícia Militar emitiu nota lamentando o feminicídio:

"Sobre o episódio ocorrida na manhã de hoje, na cidade do Riacho Fundo II, quando um policial vitimou sua esposa e suicidou-se. A Polícia Militar vem a público lamentar imensamente o fato. O trabalho diário dos policiais militares nas ruas do DF visa, entre outras coisas, evitar esse tipo de crime. A PMDF se solidariza com os familiares e está à disposição para auxiliar no que for necessário."

Anexo U

CORREIO BRAZILIENSE

Mulher morta pelo ex-marido PM será enterrada em Taguatinga

Adriana Castro Rosa Santos foi morta a tiros no Riacho Fundo 2, na última terça-feira (7/8). O assassino tirou a própria vida em seguida

CB_Correio Braziliense

postado em 08/08/2018 16:08 / atualizado em 08/08/2018 16:09



Adriana estava na casa da mãe quando Epaminondas a chamou no portão e disparou duas vezes contra a vítima(foto: Arquivo Pessoal)

Familiares e amigos vão se despedir de Adriana Castro Rosa Santos na quinta-feira (9/8), no Cemitério Campo da Esperança em Taguatinga. O velório terá início às 8h e o enterro está marcado para as 11h30.

Adriana Castro, 40 anos, foi assassinada na terça-feira (7/8) pelo ex-marido, na casa da mãe, onde estava morando. O assassino é o policial militar Epaminondas Silva Santos, 51 anos, que, em seguida, tirou a própria vida.

O casal tinha três filhos: um menino de 11 anos, uma menina de 8 e outro garoto de 5. Segundo uma vizinha, eles estavam em processo de separação e Epaminondas não aceitava o divórcio.

Anexo V

CORREIO BRAZILIENSE

Amigos e parentes se despedem de Adriana Castro, vítima de feminicídio

Adriana foi morta pelo marido na manhã de terça-feira, em frente à casa da mãe. Segundo o irmão da vítima, ela era constantemente ameaçada

AR Alan Rios - Especial para o Correio

postado em 09/08/2018 12:13 / atualizado em 09/08/2018 12:44



Cerca de 50 pessoas compareceram ao velório para se despedir de Adriana. Crime ocorreu no Riacho Fundo 2 (foto: Alan Rios/Esp.CB/D.A Press)

"Amor não machuca, quem machuca são as pessoas". Essa era a frase carregada em camisetas de parentes e amigos que estiveram no velório da dona de casa Adriana Castro, vítima de feminicídio aos 40 anos. O corpo foi velado na capela 4 do Cemitério Campo da Esperança em Taguatinga, na manhã desta quinta-feira (9/8).

O crime aconteceu na última terça-feira (7/8), no Riacho Fundo 2. Adriana estava se separando do marido, o policial militar Epaminondas Silva Santos, 51, que era lotado no 8º Batalhão de Polícia Militar (Ceilândia). Por esse motivo, tinha voltado a morar com a mãe.

O militar foi até a casa da vítima, chamou Adriana para conversar na calçada e disparou duas vezes na cabeça dela. Em seguida, se matou. O assassinato aconteceu por volta das 10h e muitos vizinhos ouviram os tiros.

Segundo o irmão da vítima, Marcelo Adson de Castro, 35, Epaminondas tinha dito que queria devolver os livros escolares do filho e, por esse motivo, Adriana abriu o portão para ele. "Ele era agressivo, e não só quando estava bêbado. Mas a Adriana tinha um coração enorme e ficava com pena dele, preocupada."

O irmão disse ainda que as ameaças eram constantes e que foi preciso que familiares e amigos intervissem para que Adriana saísse da casa em que eles moravam juntos. Segundo ele, Epaminondas não deixava Adriana trabalhar. Marcelo tenta agora ser a força da família, cuidando da mãe e dos sobrinhos.

A cerimônia de despedida começou às 8h e envolveu sentimentos de dor e revolta pelo feminicídio da mulher conhecida por ser amorosa, religiosa e acolhedora. Cerca de 50 pessoas foram ao cemitério para se despedir.

Os dois filhos, de 11 e 7 anos, estiveram no local e receberam o apoio de pessoas como Solange Silva, amiga de Di, como era chamada. O filho mais velho viu toda a cena trágica das duas mortes e falou para Solange: "Meu sonho é ela estar num lugar melhor". O garoto recebeu atendimento psicológico no mesmo dia do feminicídio.

Três feminicídios

Em três dias, o Distrito Federal registrou três ocorrências de feminicídio. Além de Adriana, foram vítimas Carla Grazielle Zandoná, 37, morta ao cair do terceiro andar do Bloco T da 415 Sul, na noite de segunda-feira (6/8), e Marília Jane de Sousa Silva, 58, assassinada a tiros pelo taxista Edilson Januário de Souto, 61. Até agora, são 19 feminicídios no DF, mesma quantidade para o ano passado inteiro.

Anexo W**METRÓPOLES**

PM matou mulher e tirou a própria vida na frente dos filhos no DF

Após chegar ao local do crime, no Riacho Fundo II, em uma motocicleta, e chamar a vítima, o sargento disparou contra a companheira



REPRODUÇÃO/INTERNET

No dia em que a Lei Maria da Penha completa 12 anos de sanção, um policial militar matou a mulher e tirou a própria vida no Riacho Fundo II. De acordo com informações da Polícia Militar, Epaminondas Silva Santos, 51 anos, lotado no 8º Batalhão (Ceilândia), assassinou a companheira, Adriana Castro Rosa Santos, 40, por volta das 10h desta terça-feira (7/8), na QN 7, Conjunto 4, em frente à casa 13, Riacho Fundo II.

Segundo informações preliminares, o policial chegou ao endereço em uma motocicleta, chamou a vítima até o lado de fora da residência e efetuou pelo menos dois disparos contra a mulher. Em seguida, tirou a própria vida. O óbito dos dois foi constatado no local pelos bombeiros. Eles eram pais de um menino de 11 anos e uma menina de 8. Conforme relatos de vizinhos, o casal estava em processo de separação.

Ainda de acordo com testemunhas, os filhos estavam na garagem de casa e teriam presenciado o crime. A mãe de Adriana, Dona Graça, entrou em desespero ao ver a filha agonizando. “Ela desabou”, contou uma vizinha.

Casado com a prima de Epaminondas, Evaldo Carvalho, 36, disse que os cônjuges eram muito apaixonados. Mas Epaminondas demonstrava muito ciúme da esposa. “Era um cara amigo e parceiro da família”, afirmou. O casal e os filhos moravam em Samambaia e, na quinta-feira (2), Adriana teria ido para a casa da mãe com as crianças, no Riacho Fundo II.

Uma das testemunhas contou à reportagem que chegava à sua casa no momento em que o casal conversava em frente ao portão. Tão logo entrou na residência, ouviu três

disparos de arma de fogo. “Quando saí para ver o que ocorria, os corpos estavam caídos”, disse.

Conforme relatos de moradores da quadra, não houve discussão entre o casal. Uma comerciante que tem uma loja de roupas na mesma rua disse ter ouvido os tiros e corrido para ver o que estava ocorrendo. “Pensei que era um assalto. Saímos assustados e ainda vimos os dois agonizando. Uma cena muito triste”, destacou Maria do Amparo, 53 anos.

Por volta das 12h, os corpos ainda estavam no local. A arma usada pelo policial, uma pistola calibre .40, também permanecia na cena do crime. Uma vizinha que mora há 22 anos no local disse que todos estão muito chocados. “Nunca aconteceu um crime desse aqui na rua”, destacou a dona de casa Givanilde Cavalcante, 36.

Epaminondas era segundo sargento da Polícia Militar. O caso causou perplexidade entre os colegas de farda, uma vez que ele era considerado de temperamento tranquilo.

A corporação divulgou uma nota, no início da tarde desta terça, lamentando o ocorrido: “O trabalho diário dos policiais militares nas ruas do DF visa, entre outras coisas, evitar esse tipo de crime. A PMDF se solidariza com os familiares e está à disposição para auxiliar no que for necessário”.

Outros casos

Na noite dessa segunda (6), um outro crime bárbaro. Jonas Zandoná, 44, foi autuado em flagrante por feminicídio, homicídio triplamente qualificado por motivo torpe e sem chance de defesa da vítima. Para a Polícia Civil, o agressor jogou a mulher do terceiro andar de um prédio residencial na 415 Sul. Carla Grazielle Rodrigues Zandoná, 37, chegou a ser socorrida.

No entanto, teve uma parada cardíaca e morreu por volta de 19h35. A vítima já havia denunciado o companheiro por agressão duas vezes. A última, em 2016, na Delegacia Especial de Atendimento à Mulher (Deam).

Na noite de domingo (5), o taxista Edilson Januário de Souto executou a tiros a esposa, Marília Jane de Sousa Silva, após uma discussão do casal. Depois de matar a companheira, estacionou o carro da vítima dentro do terreno, fechou o portão e saiu. O crime foi cometido na Quadra 405 do Recanto das Emas, por volta das 20h30. Até a última atualização desta reportagem, Edilson ainda não havia sido localizado pela polícia.

Somente em 2018, pelo menos 18 mulheres foram assassinadas no Distrito Federal. Os casos se assemelham não só pela brutalidade e covardia. O modo como os assassinos agem é parecido. De acordo com especialistas, os algozes, geralmente pessoas com quem as vítimas se relacionam, começam com pequenas exigências, cenas de ciúmes, cobranças, brigas seguidas de presentes e pedidos de desculpas com promessas de mudanças.

Anexo X

METRÓPOLES

Irmão de mulher morta por PM: “Botou a arma na cara dela várias vezes”

Adriana Santos foi assassinada pelo companheiro e policial militar Epaminondas Silva, que não concordava com o divórcio. Ele se matou



“Ele botou a arma na cara dela várias vezes. Ameaçava matá-la e os meninos, pois não concordava com a separação.” O relato de Marcelo Adson, irmão de Adriana Castro Rosa Santos, 40 anos, expõe que o episódio de feminicídio de terça-feira (7/8), no Riacho Fundo II, era mais uma “tragédia anunciada”. Após assassinar a ex-companheira, o policial militar Epaminondas Silva Santos, 51, lotado no 8º Batalhão, tirou a própria vida.

Em um intervalo de três dias, o Distrito Federal registou três casos de feminicídio. O brutal assassinato de Adriana foi o mais recente, ocorrido no dia em que a Lei Maria da Penha completou 12 anos de sanção.

Adriana e Epaminondas estavam se divorciando e deixam dois filhos: uma menina de 8 anos e um menino de 11. Segundo Marcelo, o relacionamento entre Adriana e seu algoz tornou-se abusivo quando ela decidiu iniciar o processo de separação. Responsável pelas investigações, o delegado-chefe da 29ª Delegacia de Polícia (Riacho Fundo I), Amarildo Fernandes, confirmou as ameaças. “Ele dizia que ia matar ela e a família”. No entanto, contra ele, não constam denúncias ou ocorrências.

Mesmo com as constantes ameaças, Adriana foi “incapaz de denunciá-lo”, diz o irmão dela. A preocupação com o futuro da família e a carreira do companheiro eram maiores e acabaram silenciando-a. “Tinha medo de deixá-lo mais agressivo. Entendia que seria pior e temia pela vida dos filhos”, disse Marcelo.

Para Marcelo, a frieza e a brutalidade do crime cometido pelo PM comprovam que Epaminondas “estava disposto a tudo e tinha capacidade para cometer atrocidades maiores”. O delegado também classifica o episódio como uma “barbárie”. “Não temos

maiores detalhes ainda, mas nada justifica uma atrocidade dessas. Foi um crime gravíssimo”, disse o titular da 29ª DP.

Ainda em choque, as crianças pouco falaram ao longo do dia e estão sob cuidados dos familiares. Inicialmente, o filho mais velho ficou sob custódia do Conselho Tutelar do Riacho Fundo II, mas parentes compareceram ao local e levaram o menino para a casa da avó.

O crime

Por volta das 10h, o policial chegou ao endereço em uma motocicleta, chamou a vítima até o lado de fora da residência e efetuou pelo menos dois disparos contra a mulher. Em seguida, tirou a própria vida. O óbito dos dois foi constatado no local pelos bombeiros.

De acordo com testemunhas, os filhos estavam na garagem de casa e teriam presenciado o crime. A mãe de Adriana entrou em desespero ao ver a filha agonizando. “Ela desabou”, contou uma vizinha.

Uma das testemunhas contou à reportagem que chegava em casa no momento em que o casal conversava em frente ao portão. Tão logo entrou na residência, ouviu dois disparos de arma de fogo. “Quando saí para ver o que ocorria, os corpos estavam caídos”, disse.

Uma comerciante que tem uma loja de roupas na mesma rua disse ter ouvido os tiros e corrido para ver o que estava ocorrendo. “Pensei que era um assalto. Saímos assustados e ainda vimos os dois agonizando. Uma cena muito triste”, destacou Maria do Amparo, 53 anos.

Por volta das 12h, os corpos ainda estavam no local. A arma usada pelo policial, uma pistola calibre .40, também permanecia na cena do crime. Uma vizinha que mora há 22 anos no local disse que todos estão muito chocados. “Nunca aconteceu um crime desse aqui na rua”, destacou a dona de casa Givanilde Cavalcante, 36.

Epaminondas era segundo sargento da Polícia Militar. O caso deixou os colegas de farda perplexos, uma vez que ele era considerado de temperamento tranquilo.

A corporação divulgou nota, no início da tarde de terça (7), lamentando o ocorrido: “O trabalho diário dos policiais militares nas ruas do DF visa, entre outras coisas, evitar esse tipo de crime. A PMDF se solidariza com os familiares e está à disposição para auxiliar no que for necessário”.

Outros casos

Em um intervalo de três dias, o Distrito Federal registou três casos de feminicídio. Na noite de segunda (6), outro crime bárbaro. Jonas Zandoná, 44 anos, foi autuado em flagrante por feminicídio, homicídio triplamente qualificado por motivo torpe e sem chance de defesa da vítima. Para a Polícia Civil, o agressor jogou a mulher do terceiro andar de um prédio residencial na 415 Sul.

Carla Grazielle Rodrigues Zandoná, 37, chegou a ser socorrida. No entanto, teve uma parada cardíaca e morreu por volta de 19h35. A vítima havia denunciado o

companheiro por agressão duas vezes. A última, em 2016, na Delegacia Especial de Atendimento à Mulher (Deam).

Na noite de domingo (5), o taxista Edilson Januário de Souto executou a tiros a esposa, Marília Jane de Sousa Silva, após uma discussão do casal. Depois de matar a companheira, estacionou o carro da vítima dentro do terreno, fechou o portão e saiu. O crime foi cometido na Quadra 405 do Recanto das Emas, por volta das 20h30.

Somente em 2018, pelo menos 18 mulheres foram assassinadas no Distrito Federal.

Anexo Y

METRÓPOLES

Mãe de mulher morta por PM: “Me ajude a cuidar de seus filhos”

Durante enterro, amigos e familiares usavam camisetas com a foto de Adriana Santos e os dizeres: “Amor não machuca. Pessoas machucam”



/METRÓPOLES

Sob clima de forte comoção, parentes e amigos se despediram, na manhã desta quinta-feira (9/8), da dona de casa Adriana Castro Rosa Santos, 40 anos, no Cemitério Campo da Esperança de Taguatinga. A mulher morreu assassinada pelo segundo-sargento da Polícia Militar do DF Epaminondas Silva Santos, 51, na terça (7), em frente aos dois filhos do casal. Depois de atirar em Adriana, o PM tirou a própria vida, no Riacho Fundo II. A família de Adriana o definiu como um homem possessivo, violento, que não deixava a mulher trabalhar fora de casa. Ela nunca o denunciou nem permitiu que os parentes levassem o caso à polícia. Por medo, segundo eles. “Ele dizia que a amava, mas isso não é verdade. O amor não mata. Ele liberta”, lembrou Marcelo Adson, irmão da vítima.

Adriana é a 19ª vítima de feminicídio somente este ano no Distrito Federal. A família não quer que o caso vire uma estatística e pretende transformar a dor em luta. “Para a sociedade, ela vira um número. Para nós, não. A mulher precisa entender que tem de denunciar. Se nós não tivéssemos atendido os pedidos dela e prestado queixas, talvez ela estivesse viva agora. Ainda existem muitas Adrianas presas dentro de casa e Epaminondas soltos pelas ruas. Não vamos deixar que façam novas vítimas”, disse Marcelo.

A mãe de Adriana e os filhos da vítima, de 8 e 11 anos, estavam presentes no sepultamento. Assim como o filho mais velho de Epaminondas. “Adeus, minha filha amada. Me ajude, de onde você estiver, a cuidar dos seus filhos”, disse Dona Graça, ao ver o caixão sendo enterrado.

A mulher e as crianças estavam em casa quando Epaminondas chegou, chamou Adriana e disparou dois tiros na esposa. Depois, ele tirou a própria vida. Segundo Marcelo, a família tinha um bom relacionamento com o PM, mas somente no início do relacionamento do casal. “Há cerca de dois anos, preferimos cortar relações, pois ela relatou as ameaças que sofria. A Di só estava com o Epaminondas por medo. O sentimento de amor já havia acabado”, revelou o irmão.

Marcelo também contou que o PM sempre foi ciumento e arranjava confusão com os familiares. “Bebia e ficava fora de si. Em uma chácara, certa vez, atirou contra os nossos primos, mas nada de pior aconteceu”, disse o irmão.

Adriana tinha saído de casa, em Samambaia, cinco dias antes do crime, e ido para a residência da mãe, no Riacho Fundo. Epaminondas não se conformou com a separação da mulher, que era considerada uma filha, irmã e mãe exemplar. “Sentimos muita tristeza. Não há nada que conforte o nosso coração. Perdemos um pedaço da gente. Uma dor imensa”, lamentou Marcelo.

Dona Graça ficou ao lado do caixão durante todo o velório. “A nossa maior preocupação é com a mãe e as crianças. Eles vão precisar de apoio psicológico. Já estamos buscando e também contando com o amparo da PM. A nossa dúvida é: existe algum profissional que recupere a saúde mental dos meus sobrinhos?”, questionou Marcelo.

Durante o velório, todos os familiares usaram uma camiseta com a foto de Adriana, ou Di, como era carinhosamente chamada. Na frente, estavam as frases: “Amor não machuca. Quem machuca são as pessoas. Amor é a coisa mais linda do mundo. Que culpa tem o amor se as pessoas não sabem amar?”. Na parte de trás: “Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está guardada. Nós te amamos, Di.”

“Profissional exemplar”

Se em casa Epaminondas mostrava sua face violenta, segundo os familiares, no trabalho, os colegas o consideravam um profissional exemplar, de acordo com o capitão Soares Bezerra, subcomandante do 8º BPM (Ceilândia), onde o segundo-sargento era lotado.

Os policiais que trabalhavam com ele foram ao cemitério prestar apoio e solidariedade aos parentes de Adriana. “Toda a corporação está consternada. As crianças e filhos do Epaminondas agora fazem parte da família PMDF e estamos oferecendo apoio psicológico, além de todo o suporte que precisam”, afirmou o capitão Soares Bezerra.

Durante o velório, além de uma viatura da PM, havia outra do Corpo de Bombeiros. A tia de Adriana passou mal e precisou receber atendimento. Dona Graça foi amparada por parentes durante o cortejo do corpo. Ela fez questão de caminhar até o túmulo.